
ANEXO II – RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS

Transcreve-se abaixo as respostas dos entrevistados às questões que constituem o Guião de Entrevista¹. A letra E e o número que lhe sucede identificam o entrevistado.

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
<p>1. Em sua opinião, quais são os objectivos que os actuais programas escolares mais valorizam? Como se posiciona perante essa definição?</p>	<p>E.1. <i>O saber ler e escrever, porque valorizam componentes com uma aplicação prática. Acho que há, aqui, uma vertente mais prática. Eu acho que deve ser mesmo assim. Realmente as nossas práticas recaem, sobretudo, nesses dois domínios, exercendo uma forte componente de aplicação prática.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.2. <i>Bem! Estamos a falar de objectivos gerais? Porque, agora, nós falamos mais em competências. Ora, neste momento, acho que os programas incidem muito no compreender e interpretar. Em relação a esses objectivos, acho que há um objectivo que no Ensino Básico, em relação ao Secundário, há todo aquele objectivo que se prende com toda a aprendizagem da língua. Isso acho que é importante. Agora, acho também que há uma vertente que se prende mais com o desenvolvimento do espírito crítico. Levar os alunos a pensar. O Ensino Básico, do 5.º ao 9.º ano, está muito segmentado em objectivos que nos privam de trabalhar, convenientemente, o espaço da língua portuguesa. Isso não é possível porque estamos muito presos a objectivos. Já no Ensino Secundário se dá mais primazia à parte da Literatura. Os objectivos acabam por limitar.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.3. <i>Os objectivos valorizados pelos actuais programas do Ensino Básico (3.º Ciclo) têm a ver com o trabalho com textos, desde a leitura, o ler correctamente um</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

¹ Cf. Anexo I, pág. 222

	<p><i>texto, o saber apreender sentidos, interpretar e compreender as várias mensagens, produzir textos escritos e orais de forma correcta. Para isso, é necessário, também, possuir um conhecimento da língua portuguesa e das suas regras de funcionamento. Outro dos objectivos é saber expressar-se oralmente em várias situações de comunicação. De facto, neste nível de ensino, os alunos devem ser preparados para aprofundar e desenvolver não só o gosto, mas a competência de leitura, apropriar-se de competências ao nível do funcionamento da língua para se saberem exprimir correctamente quer na sua forma oral quer escrita. Devem, também, aprender a saber ouvir. Muitas vezes, os alunos também não sabem ler e isso nota-se quando é pedida uma actividade oral e/ou uma actividade de escrita, nomeadamente, nos testes de avaliação, nas perguntas de interpretação de um texto. Muitas vezes, os alunos não sabem interpretar porque não estão atentos ou porque têm alguma dificuldade em descodificar os verbos, o vocabulário presente.</i></p>	
	<p>E.4. <i>A aquisição de competências de leitura e escrita. É uma tradição que se foi perpetuando ao longo do tempo. Temos, também, o ouvir e o falar. Mas os próprios exames apontam, também, para a escrita e para a oralidade, o que terá a ver com toda uma série de avaliação que já se perpetua no tempo e, se calhar, justifica-se.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>Valorizam bastante o funcionamento da língua no 3.º Ciclo e Secundário. Valorizam, também, a forma como o aluno escreve. No Secundário, também se valoriza bastante a parte da literatura, o que eles sabem sobre determinados poetas que fazem parte do programa, bem como de outros escritores. Para o 3.º</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<i>Ciclo nós já somos mais condescendentes quanto à forma como eles escrevem, não é? Embora se insista bastante no funcionamento da língua. Este é o objectivo principal do programa de Português do 3.º Ciclo. Eu acho que o funcionamento da língua é muito importante para eles saberem escrever bem, correctamente.</i>	
	E.6. <i>São valorizados, hoje em dia, aspectos relacionados com a língua portuguesa. A língua portuguesa como língua do conhecimento. É o estudo da língua em situação de uso. Embora eu ache que há outros aspectos que deveriam ser objecto de estudo ao nível da língua portuguesa, como a gramática do texto.</i>	3.º Ciclo
	E.7. <i>Desenvolvimento de capacidades (prefiro a competências) de compreensão e de expressão em português. Mas estão lá todos.</i>	Secundário
	E.8. <i>Considero que os objectivos formulados no programa de língua portuguesa para o ensino secundário, na medida em que se relacionam com a lecto-escrita, a oralidade e o funcionamento da língua, são os mais adequados e equilibrados tendo em conta os conhecimentos e competências que vão de encontro a um perfil desejável de aluno com 12º ano.</i>	Secundário
	E.9. <i>Creio que começa a haver uma grande preocupação pela expressão oral, com a consequente despenalização da deficiente expressão escrita.</i>	Secundário
	E.10. <i>Interpretar textos/discursos orais e escritos, desenvolver capacidades de compreensão e de interpretação de textos/discursos com forte dimensão simbólica, desenvolver o gosto pela leitura, expressar-se oralmente e por escrito com coerência, desenvolver práticas de relacionamento interpessoal favoráveis ao exercício da autonomia, da cidadania, do sentido de responsabilidade, cooperação e solidariedade. Na</i>	Secundário

	<i>generalidade, posiciono-me favoravelmente.</i>	
	E.11. <i>A leitura e a interpretação aparecem entre os mais importantes e em consequência destes a escrita. Penso que são bastantes significativos, nomeadamente, a inserção do Plano Nacional de Leitura. É de lamentar que a nível do 7º ano tenhamos um programa tão extenso que praticamente nos impede de podermos ler obras de leitura integral na sala de aula)</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
2. Como sabe, os programas escolares aparecem muito estruturados em função de domínios (ler/escrever/ouvir/falar/). Qual é a sua opinião sobre esta opção?	E.1. No fundo eu penso que estas duas questões se repetem um pouco e já disse que concordo, porque, para apreender os saberes fundamentais para o domínio da língua, esses saberes têm que se encontrar estruturados, têm que estar bem arrumados numa prateleira. São saberes que implicam uma dimensão e aplicação prática.	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>Acho que a língua portuguesa é isso tudo, mas acho que os programas não devem estar muito estruturados. Por acaso, os manuais escolares estão assim organizados. Até há uns manuais que tentam arranjar umas frases bonitas, que até acho que são diferentes e até achei interessantes. Mas a língua portuguesa é isso tudo e não devemos compartimentar. Eu acho que deve haver uma certa liberdade. Num espaço de sala de aula há lugar para que ache tudo isto e tudo aquilo que consideramos fundamental, como desenvolver o espírito crítico. Muitas vezes, os alunos não ouvem, não sabem ouvir, depois não têm alguém que coloque questões pertinentes e que fomentam uma atitude</i>	3.º Ciclo

	<p><i>crítica no aluno. Muitas vezes, os alunos não estudam determinado conteúdo, mas só pelo facto de o professor recorrer a outras estratégias, como o visionamento de filmes e/ou documentários, eles acabam, por vezes, por compreender melhor.</i></p>	
	<p>E.3. <i>Esta divisão nos vários domínios: o ler, escrever, ouvir e falar é muito importante e, curiosamente, é dada alguma equidade a esses vários domínios, no entanto, a parte da oralidade não é muito desenvolvida na prática lectiva, na sala de aula. Muitas vezes, os alunos não respondem, têm dificuldades em se exprimirem oralmente, por razões várias, algumas das quais, ao nível do 3.º Ciclo, devido à preocupação face aos colegas. Ao serem questionados, não respondem com o medo de serem ridicularizados se alguma coisa não funciona bem, se não se exprimirem correctamente. Ao nível da leitura e da escrita são as áreas onde mais incide o trabalho na aula de Português. Trabalha-se muito a competência de leitura expressiva, a competência da escrita e o desenvolvimento das regras de funcionamento da língua. Saber ouvir é extremamente importante, o saber escutar. Se desenvolvermos uma leitura expressiva e fizermos perguntas a partir dessa leitura, os alunos perdem-se um pouco. Há uma tradição do suporte escrito, agarramo-nos muito ao texto escrito, a parte da leitura dispersa e também não estão habituados a ouvir. Os alunos não sabem ler e tirar apontamentos e é uma dificuldade bastante acentuada nos alunos do 3.º Ciclo. Se se</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<i>pede aos alunos para tirarem apontamentos sobre alguma coisa que se está a dizer, eles não o sabem fazer. É muito importante o ouvir, o saber ouvir e escrever de acordo com o que ouviram.</i>	
	E.4. <i>A minha opinião é favorável, desde que devidamente diversificados, treinados e trabalhados.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.5. <i>Com turmas grandes, como as que eu tinha este ano, com trinta e dois alunos no 12.º ano, torna-se bastante complicado e difícil ouvir a todos, mesmo para, às vezes, lerem todos. É muito complicado ouvir a todos. É impossível! O programa é extensíssimo no 12.º ano e ouvir os alunos todos torna-se uma tarefa impossível. Muitas vezes, um está a falar e o outro também quer falar e somos capazes de não dar muita atenção e o devido tempo àquele aluno que quer falar porque eles são muitos. Escrever, claro que mandava muitos trabalhos para casa. Alguns faziam, outros não.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.6. <i>Concordo e considero positiva, contudo, o ouvir, para mim, tem tudo a ver com as outras competências. Só quem sabe ouvir, escreverá e falará com maior correcção. O ouvir não se trabalha muito nas aulas de Português devido ao número elevado de alunos por turma.</i>	3.º Ciclo
	E.7. <i>Qualquer cidadão deve dominar essas competências e por isso acho bem, o problema está na integração.</i>	Secundário
	E.8. <i>Considero que é uma opção acertada e interessante, porque se trata das 4 competências básicas (não podemos esquecer também o</i>	Secundário

	<i>Funcionamento da Língua) envolvidas no estudo / aprendizagem de qualquer língua. Penso é que os programas não estão de acordo com a realidade escolar, nomeadamente no que concerne ao número de alunos por turma e ao escasso número de tempos lectivos disponíveis para abordar não só os conteúdos declarativos, mas também os conteúdos processuais.</i>	
	E.9. <i>Considero-a uma boa opção, permitindo a identificação das competências específicas de cada domínio, embora exija um conhecimento aprofundado dos mesmos e uma articulação constante entre eles.</i>	Secundário
	E.10. <i>A aula de Português deve constituir-se como um espaço de desenvolvimento das várias competências de utilização da língua, como o ler, escrever, ouvir e falar.</i>	Secundário
	E.11. <i>Na minha opinião todos eles são extremamente importantes e estão interligados. Ler e escrever são importantes não só ao nível da Língua Portuguesa, bem como de todas as outras áreas onde é necessário saber interpretar o que está escrito. O saber ouvir também não pode ser descurado porque ele é o meio pelo qual se retêm os saberes e, posteriormente, serão transmitidos através da oralidade e/ou escrita.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
3. Quando desenvolve actividades no domínio do oral,	E.1. <i>A estruturação das ideias, a correcção das respostas, a pertinência da mensagem, o domínio do vocabulário. Só lamento haver pouco tempo para desenvolver actividades no domínio do oral. A percentagem de avaliação final a atribuir a este</i>	3.º Ciclo e Secundário

que aspectos privilegia?	<i>domínio, ao nível do 3.º Ciclo, é estabelecida em grupo disciplinar.</i>	
	<p>E.2. <i>A nível da oralidade, eu valorizo, primeiro, as ideias. Vamos expressar isto de outra maneira. Desenvolver esta competência é fundamental e o próprio aluno apercebe-se quando não estrutura ou expressa bem as suas ideias. Até tem umas ideias, mas não sabe explicar e tem que ser o professor a prestar essa ajuda, explicar ao aluno como deve começar a expressar as suas ideias e, depois, ele até começa a expressar-se, mas utiliza uma linguagem mais popular, mas eles apercebem-se desta realidade. Portanto, o ponto de partida será a ideia e, depois, trabalhar a forma, mas também o espírito crítico. Temos de desenvolver nos alunos competências ao nível do registo formal e informal. Eles têm de ter consciência que a língua portuguesa tem várias formas de dizer a mesma coisa, tem vários níveis de língua, registos. Agora, eles têm de distinguir isso e saber quando estão num espaço formal ou não e, muitas vezes, saber com quem é que devem utilizar um tipo de discurso e com quem devem utilizar outro.</i></p>	3.º Ciclo
	<p>E.3. <i>Valorizo a expressão de opiniões. A oralidade é muito importante, é importante que os alunos saibam estruturar as ideias, que acha uma estruturação lógica das ideias, que eles saibam expor as suas ideias de forma lógica e com uma sequência, tendo em conta também a competência do domínio do funcionamento da língua. Temos de alertar os alunos para o uso formal e informal da língua. É importante dar-se mais ênfase ao domínio do oral porque é um domínio que faz parte do dia-a-dia, do mundo do trabalho. Aquilo que é enfatizado mais em sala de aula é a escrita que envolve</i></p>	3.º Ciclo

	<i>várias competências que também são expressas nos programas. Os nossos alunos também estão pouco habituados a saber ouvir. Dominam muita informação, porque, hoje em dia, há muitas solicitações, como a Internet e o expressar as ideias não é uma preocupação.</i>	
	E.4. <i>Preocupo-me com a dicção, se o que dizem é perceptível, se se entende, se as ideias não aparecem suspensas, dispersas, sem uma organização lógica. O conteúdo é importante, mas depende das actividades, como é o caso do debate, de defenderem uma opinião... mas a forma continua a ser importante. Preocupo-me mais com a forma do que com o conteúdo porque os alunos falham mais na forma.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.5. <i>A forma como eles desenvolvem o seu discurso, se têm um vocabulário diversificado, se põem em prática tudo aquilo que eles sabem, que eles estudaram e que eles vão adquirindo. Consciencializados para em que contextos devem usar o registo formal e/ou informal da língua. Valorizo tanto a forma como o conteúdo porque o que quero é que eles falem bem, que tenham a percepção quando devem usar um discurso formal ou informal.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.6. <i>Valorizo a correcção linguística, a capacidade que têm em expressar as suas ideias as suas opiniões. Também valorizo muito o espírito crítico. As várias formas de discurso, quer o formal quer o informal.</i>	3.º Ciclo
	E.7. <i>O modo como o aluno diz/expõe (como está/desperta interesse/articula/interage).</i>	Secundário
	E.8. <i>No âmbito do trabalho da oralidade tenho em conta as suas duas vertentes (compreensão / expressão). No âmbito da primeira, é relativamente fácil e rápido treinar e testar os alunos a partir de audição e/ou visionamento de textos sem/com imagem, não obstante o</i>	Secundário

	<p><i>nível deficitário da minha escola em termos de acesso a equipamentos audiovisuais em boas condições suficientes para um tão grande número de professores e alunos.</i></p> <p><i>Já na vertente da expressão oral, para além da interação que acontece em todas as aulas e da promoção de debates a propósito de assuntos significativos para os alunos, a forma de avaliação centra-se maioritariamente numa apresentação oral por período (de um tema, livro, assunto da actualidade, mediante guião previamente entregue ao aluno), o que é manifestamente insuficiente, mas que se explica pelas razões aduzidas na questão anterior:</i></p>	
	E.9. <i>Essencialmente, os seguintes: adequação ao assunto; tipo de discurso e estruturação do mesmo; correcção formal e linguística.</i>	Secundário
	E.10. <i>A dicção, a fluência do discurso, a expressividade e a colocação da voz.</i>	Secundário
	E.11. <i>A construção frásica, a entoação, a dicção, a ordenação das ideias.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
3.1. Segundo as novas orientações oficiais, solicita-se aos professores do ensino secundário que atribuam à avaliação do oral 30% da classificação final	E.1. <i>Acho correcto, só lamento que o exame final nacional não contemple este critério.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>O meu problema de avaliação oral é o seguinte: não sei se 30% não será de mais. Por exemplo, eu, como aluna, era uma aluna discreta, portanto, não achava justo, como não acho justo, que a média final resulte de alguma coisa que, no fundo, tem a ver com uma característica natural da pessoa. Há pessoas que têm o dom da palavra e há outras que não têm, mas que são óptimos alunos. Eu tenho alunos muito bons, mas que são daqueles alunos tímidos, que não gostam de falar.</i>	3.º Ciclo

atribuída. Que comentário faz?	<i>Também a Escola não prepara, nos anos anteriores, convenientemente, os alunos para o domínio da expressão oral. Não há esse espaço de debate, de troca. Não há espaço para a oralidade. Se nós seguirmos o que diz o livro, vemos que não há espaço para esse domínio, para o debate, para a troca de argumentos. Eu fomento isso, mas não é fácil.</i>	
	E.3. <i>Acho correcto, só lamento não se começar a valorizar e a avaliar, convenientemente, esse domínio logo a partir do 1.º Ciclo. O aluno deve ser ensinado a exprimir-se correctamente ao nível da oralidade, deve saber falar em público de acordo com o contexto, a situação comunicativa. O aluno tem de aperceber-se que esse também é um domínio valorizado.</i>	3.º Ciclo
	E.4. <i>Estas orientações têm a sua razão de ser, sobretudo quando são alunos do Ensino Secundário. É fundamental que os alunos pratiquem este domínio e, para tal, ele tem de ser convenientemente avaliado. Notamos, muitas vezes, mesmo quando queremos que eles construam um mini-discurso, que têm as suas dificuldades em organizar as suas ideias, o seu discurso. Muitas vezes, não se trabalha devidamente a oralidade por uma questão de gestão do tempo.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.5. <i>Com muitos alunos é impossível. Se as turmas tivessem menos alunos, sim. Com 32 alunos é impossível que eu faça um trabalho consistente no domínio do oral para valer 30% da avaliação final. Eu tentei fazer isso, dar mais espaço à expressão oral, mas tive de desistir porque tinha um programa a cumprir, tinha conteúdos a leccionar.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.6. <i>Acho muito complicado, mesmo no Ensino Secundário e pelas razões já apresentadas.</i>	3.º Ciclo
	E.7. <i>Este ano o meu departamento adoptou a quota</i>	Secundário

	<i>mínima legal: 25%. Acho uma medida correcta mas a sua aplicação deve ser monitorizada e avaliada.</i>	
	E.8. <i>Pelo que já referi – número excessivo de alunos por turma, número insuficiente de tempos lectivos por semana – considero que esse peso é excessivo, pois não há tempo para trabalhar esse domínio como ele deveria ser, efectivamente, trabalhado.</i>	Secundário
	E.9. <i>A questão não se coloca na percentagem, mas na forma da avaliação proposta: torna-se demasiado complicado fazer uma avaliação formal, conforme exigido, tendo em conta o número de alunos e o tempo limitado para o cumprimento dos programas (cf. 12^o ano, por exemplo); além disso, como se pode exigir este tipo de avaliação oral, quando, no final do ciclo, apenas se vê a preocupação de uma avaliação escrita e reduzida a um tempo muito limitado?</i>	Secundário
	E.10. <i>Sendo a oralidade uma das competências de utilização de uma língua, faz todo o sentido a atribuição desta classificação.</i>	Secundário
	E.11. <i>Acho importante que seja feito porque temos alunos que, em contexto de sala de aula, são bons a intervir em termos de oralidade, mas, por outro lado, em termos de escrita, muitas vezes as coisas não correm da melhor forma.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
4. Quando desenvolve trabalho no domínio da escrita que aspectos	E.1. <i>A estrutura lógica, portanto, o sentido, a organização das ideias. Não é só a mensagem, o conteúdo, mas também a forma como este está organizado, estruturado. A coerência, o nível dos conhecimentos desenvolvidos também acho importante. Acho que é urgente os professores se empenharem em trabalhar a correcção ortográfica, a estrutura das</i>	3.º Ciclo e Secundário

privilegia?	<i>ideias. Atentarem na mensagem e na forma como esta é transmitida. Os Exames Nacionais estão outra vez a valorizar a forma, coisa que anteriormente não acontecia. Já há uma necessidade de avaliar os alunos nessa competência.</i>	
	E.2. <i>É um pouco como o oral. Primeiro ver as ideias, depois ver como se pode trabalhar a forma. Numa actividade que desenvolvo em sala de aula, os alunos, de 15 em 15 dias, têm uma redacção para fazer e eu tenho visto que eles têm muitas dificuldades no domínio da escrita. Escrevem como falam. Temos que trabalhar a forma, de tal modo que cheguem a ser os próprios alunos a detectarem o erro. Trabalho primeiro a ideia para, depois, partir para a correcção dos aspectos formais. Eu acho que, quer o oral quer a escrita, se aprendem com os erros. Aprende-se com o treino, com os erros.</i>	3.º Ciclo
	E.3. <i>Na escrita, são vários os aspectos a que tento dar atenção e que tento que os alunos desenvolvam, nomeadamente, o saber expressar as suas ideias, competência em que eles sentem muitas dificuldades, utilizando, de forma mais correcta possível, os conhecimentos no domínio do funcionamento da língua, construindo um discurso lógico. Desenvolver, também, o vocabulário. Aplicar as regras de funcionamento da língua, para além, claro, da própria criatividade. Depois, deve-se ter em conta os vários contextos e as várias tipologias que se pretendem trabalhar.</i>	3.º Ciclo
	E.4. <i>Tenho sempre em atenção o público que tenho à frente. Depende muito das turmas, mas, de uma forma geral, tento que eles se expressem correctamente. Normalmente, com todas as turmas, trabalho o enriquecimento vocabular; o aperfeiçoamento, por</i>	3.º Ciclo e Secundário

	<p><i>exemplo, da ortografia, da estrutura frásica, valorização das ideias, até chegar à parte mais estilística, os vários significados que as palavras podem ter, os articuladores do discurso. A questão de fazer um texto com lógica, dependendo da tipologia do texto. Há miúdos que têm muita dificuldade em trabalhar determinadas tipologias textuais. E, depois, é a questão dos conectores ou articuladores do discurso, domínio em que eles apresentam muitas dificuldades. Muitas vezes, o texto até está bem escrito, mas apresenta carências no modo como se ligam as frases, os parágrafos ou, então, usam sempre os mesmos articuladores, sobretudo, aqueles ligados à coordenação.</i></p>	
	<p>E.5. <i>Tento que os alunos usem um vocabulário diversificado, que utilizem os conectores sempre que possível e com lógica, não os semeando no texto para dizerem que os conhecem e que os utilizam. Que acha, de facto, uma coerência no texto e que eles saibam trabalhar o tema que estão a tratar.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.6. <i>Trabalho, sobretudo, a forma. Técnicas de escrita e de estruturação do discurso.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.7. <i>Reflexão sobre o texto para a reformulação e reescrita.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.8. <i>Em cada Oficina de Escrita (que pode ir desde uma curta resposta no espaço aula a uma pergunta inserta num questionário que se esteja a resolver até à escrita de um conto) tenho sempre em conta a importância de sensibilizar os alunos para as três fases essenciais da produção escrita: planificação, textualização e revisão. Mais uma vez, a minha grande frustração como profissional reside no facto de as turmas serem muito numerosas e ser absolutamente impossível dar todos os feed-backs individuais importantes, sem corrigir o texto,</i></p>	<p>Secundário</p>

	<i>mas levando o aluno a descobrir as falhas e a resolvê-las. Com tantos alunos dentro de uma sala de aula, com tão pouco tempo, cada Oficina de Escrita transforma-se numa verdadeira estrada em hora de ponta a que um só professor não consegue dar resposta. Já tive experiências, em formação, em que cada colega ficava encarregado de orientar o trabalho de cada cinco alunos e aí, sim, o trabalho era profícuo e enriquecedor para professor e alunos.</i>	
	E.9. <i>Valorizo todos os aspectos deste domínio: correcção formal e linguística, adequação do tipo de texto ao assunto, estruturação do discurso...</i>	Secundário
	E.10. <i>Privilegio a coerência e a coesão do texto, a estruturação e a correcção nos planos lexical, morfológico, sintáctico, ortográfico e de pontuação.</i>	Secundário
	E.11. <i>O respeito pelo tema apresentado, a organização do trabalho, a construção frásica, o vocabulário e os erros ortográficos.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
4.1. Que opinião tem acerca do processo de ensino da escrita nas nossas escolas?	E.1. <i>Que não se devia limitar aos professores de Língua Portuguesa, mas todos deveriam estar envolvidos.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>Eu acho que se desenvolve pouco a escrita, que há pouco espaço também para a escrita, sobretudo, por causa da gestão do tempo. Pede-se pouco aos alunos e eles são, sobretudo, avaliados pela escrita. Há uma contradição. Seria fundamental desenvolver mais esta competência da escrita ao nível do 3.º Ciclo.</i>	3.º Ciclo
	E.3. <i>Não se trabalha devidamente este domínio, sobretudo por causa da gestão do tempo. Torna-se muito complicado trabalhar convenientemente este domínio, quando a aula de Língua Portuguesa se confina a dois blocos de 90 minutos. Não há tempo, por</i>	3.º Ciclo

	<i>exemplo, para se fazer uma oficina de escrita como actividade regular em sala de aula.</i>	
	E.4. <i>Dá-me a sensação que, nos últimos anos, os miúdos que nos chegam às mãos, no 3.º Ciclo, apresentam muitas lacunas ao nível da ortografia, têm falhas ao nível da construção frásica. Isto deve-se, sobretudo, a uma má preparação ao nível do 1.º Ciclo. Há algum facilitismo no processo de ensino e aprendizagem da escrita, com a despenalização do erro.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.5. <i>É capaz de não se ter dado muita importância à forma como os alunos escreviam. Desde que eles dissessem qualquer coisa, aproveitava-se e acho que não se dava muito valor à forma como eles escreviam. Actualmente, penso que se valoriza muito mais a forma.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.6. <i>Penso que há uma lacuna. Dever-se-ia trabalhar e valorizar mais. Dever-se-ia fornecer aos alunos modelos, textos. Não partir do nada, não dizer: “Vais escrever sobre este tema”, mas dever-se-ia fornecer textos que funcionassem como modelo.</i>	3.º Ciclo
	E.7. <i>O acompanhamento do processo da escrita é absolutamente necessário e, tal como diz o programa, deve ser um trabalho “laboratorial”. O problema é como fazê-lo.</i>	Secundário
	E.8. <i>Não posso nem devo pronunciar-me sobre esta questão, uma vez que não possuo dados fiáveis sobre o assunto.</i>	Secundário
	E.9. <i>Apenas sei que os alunos chegam ao terceiro ciclo e ao secundário, níveis que lecciono, cada vez com mais dificuldades na expressão escrita, quer na ortografia e na sintaxe, quer mesmo no domínio do vocabulário. Uma das razões que me parece justificar estas dificuldades está relacionada com a formação inicial dos docentes do 1º ciclo; de facto, no meio de um tal</i>	Secundário

	<i>número de áreas específicas, existem muitos candidatos a professores que não dominam efectivamente a Língua Portuguesa: é diferente ser professor do 1º ciclo um licenciado em Educação Física, um licenciado em Matemática, um licenciado em Português..</i>	
	E.10. <i>A falta de tempo lectivo é limitadora da prática regular da escrita. A prática da escrita exige tempo e tranquilidade. A Oficina de Escrita, uma das actividades do Programa de Português do Ensino Secundário, tem sido manifestamente prejudicada pela questão do tempo e pela falta de desdobramento das turmas.</i>	Secundário
	E.11. <i>Penso que tudo está centrado logo no 1º ciclo. Se os alunos desenvolverem bem as principais regras, tudo está facilitado no futuro. As frequentes actividades de leitura e de escrita são importantíssimas para a aquisição de vocabulário e para a abolição do erro. No estado actual, parece-me que cada vez é mais difícil eliminá-lo.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
4.2. Pensa que em relação à escrita, o professor não se deve preocupar com os aspectos formais (ortográficos e gramaticais), mas com a significação que o aluno tentou construir.	E.1. <i>Foi exactamente aquilo que eu disse. Acho que não. Forma e conteúdo estão associados, não se podem separar.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>A significação é importante, mas o aluno tem que saber escrever correctamente no plano ortográfico e morfossintáctico. Um texto escrito só terá sentido se tiver coerência e coesão discursiva.</i>	3.º Ciclo
	E.3. <i>Penso que se deve valorizar os dois domínios, mas é importante que os alunos escrevam correctamente ao nível ortográfico e morfossintáctico. O conteúdo, sem dúvida, é importante, mas este só pode ser compreendido se correctamente expresso.</i>	3.º Ciclo
	E.4. <i>Os alunos têm de saber escrever com alguma</i>	3.º Ciclo e

	<i>correção. Isso é importante. É claro que o conteúdo é importante, mas o aluno tem que saber exprimir-se correctamente quer oralmente quer por escrito. O conteúdo continua a ser importante, já, por isso, por exemplo, se atribui 60% para o conteúdo e 40% para a forma. O conteúdo continua a ser mais valorizado, não é 50%/50%.</i>	Secundário
E.5.	<i>Não. O professor tem que se preocupar com os aspectos formais, portanto, ortográficos e gramaticais. Tem que se preocupar com isso, afinal é professor de Português. É fundamental para o ensino da língua e para a compreensão do funcionamento da língua.</i>	3.º Ciclo e Secundário
E.6.	<i>Deve-se valorizar, sobretudo, a forma, as técnicas de escrita.</i>	3.º Ciclo
E.7.	<i>Forma e conteúdo não podem ser dissociados. A tarefa mais difícil para o professor no acompanhamento da escrita não é a ortografia mas a estrutura lógica (e sintáctica) do texto pois o aluno não tem, frequentemente, consciência das dificuldades (até chega a discordar porque pensa que é uma questão de estilo).</i>	Secundário
E.8.	<i>Considero que um texto é fruto de um conjunto de operações complexas que implicam várias competências e não faz sentido preocuparmo-nos com o conteúdo sem atentar à forma e vice-versa. Forma e conteúdos são obviamente importantes para a criação dos sentidos do texto.</i>	Secundário
E.9.	<i>O professor deve continuar a preocupar-se com todos os aspectos relacionados com a escrita; se deixar de o fazer, em minha opinião estará a demitir-se do verdadeiro papel de docente da Língua Portuguesa.</i>	Secundário
E.10.	<i>O Professor, no acto de escrita do aluno, deve preocupar-se com o todo: a significação e os aspectos formais.</i>	Secundário

	E.11. <i>Não, penso que o professor deve ter tudo em conta, caso contrário todo este processo se banalizaria.</i>	3.º Ciclo
--	--	------------------

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
5. Quando desenvolve trabalho no domínio da leitura que aspectos privilegia?	E.1. <i>A interpretação adequada da mensagem, respeitando a pontuação. Em suma, ler com expressividade. Só uma leitura bem feita, expressiva e fluente, pode levar a uma boa interpretação do texto, caso contrário, acho complicado.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>Se for em voz alta, uma boa dicção. Acho que os alunos têm de se habituar a pronunciar bem as palavras para que não acha problemas. Depois, saberem interpretar o que lêem. Há alunos que lêem e não sabem o que leram. Primeiro, peço para lerem silenciosamente para compreenderem o que vão ler, a mensagem, depois peço para lerem em voz alta porque parto do princípio que eles já compreenderam as ideias. É fundamental que os alunos tenham uma boa dicção para serem compreendidos, depois, trabalhar a expressividade e fazer a análise do texto.</i>	3.º Ciclo
	E.3. <i>Geralmente, quando trabalho a leitura, se tenho oportunidade de fazer um trabalho prévio, peço aos alunos que façam uma leitura prévia em casa e que façam o levantamento do vocabulário que desconhecem desse texto, para, depois, poderem ler mais fluentemente o texto e poderem fazer uma leitura mais expressiva. Quando procedem a uma leitura expressiva, já está presente quer o conhecimento das regras de pontuação quer as regras ao nível da sintaxe e, tendo um conhecimento mínimo do vocabulário que desconheciam, acabam por desenvolver vários aspectos. Depois, há vários tipos de leitura. Uns textos que exigem uma determinada leitura, que são mais exigentes que</i>	3.º Ciclo

	<p><i>outros, dependendo muito da tipologia, de ser um texto literário ou não literário. O texto literário tem uma linguagem mais polissémica, com recursos estilísticos que requer uma maior descodificação da mensagem.</i></p>	
	<p>E.4. <i>A leitura expressiva, aquilo que é uma leitura minimamente correcta que é aquela em que se tem em atenção a dicção, até à postura, o ritmo com que lêem, com que juntam as sílabas, as palavras e as frases, a expressividade que dão. Estar atento a todos estes aspectos e sensibilizá-los para a importância dos mesmos.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>A expressividade do aluno. Não pode ler igual quando tem um ponto de interrogação ou quando tem um ponto final. Portanto, que seja expressivo. Ter uma boa dicção. Claro que, por vezes, eles não têm culpa por não terem uma boa dicção, mas é importante trabalhar esse aspecto em sala de aula. Há alunos que gostam de ler e que se preocupam bastante com a expressividade.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.6. <i>Trabalho muito a leitura orientada, com tópicos, mas trabalho muito pouco a expressividade.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.7. <i>Interessam-me duas vertentes: a compreensão de leitura (há vários níveis de leitura!) que também passa pela detecção de características que tornam o texto “bem escrito”, pretendendo induzir modelos; enquanto expressão de mundividências.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.8. <i>Tendo a explorar, no âmbito do contrato de leitura, o prazer da leitura, isto é, dar aos discentes a liberdade de escolha para que as leituras eleitas sejam para eles significativas, providenciando também espaço-tempo para trocarem opiniões, sentimentos, sobre as leituras que vão fazendo.</i></p> <p><i>No espaço-aula privilegio a leitura para informação e estudo e, sobretudo, a leitura analítica e crítica, de</i></p>	<p>Secundário</p>

	<i>forma a treinar os alunos na navegação de cada texto que lêem.</i>	
	E.9. <i>Procuro que o aluno consiga fazer uma leitura correcta, a todos os níveis, o que facilitará uma compreensão adequada do conteúdo do texto; muitas vezes, o mesmo texto tem de ser lido várias vezes para que os alunos extraiam a informação essencial; tenho imensa dificuldade em compreender como é que um aluno consegue ler um texto em voz alta, na sala de aula, alterando montes de palavras, e, chegando ao fim do texto, não ser capaz de resumir o que leu.</i>	Secundário
	E.10. <i>Ler com fluência e expressividade.</i>	Secundário
	E.11. <i>O respeito pelos sinais de pontuação e a devida ênfase atribuída a cada um deles, assim como a entoação.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
6. Em sua opinião, quais as características dos textos que devem ser utilizados no âmbito da disciplina?	E.1. <i>Textos relacionados com a envolvência dos alunos, com as suas preferências, as suas mundivivências. Adequados à faixa etária dos alunos. Textos simples que não exijam do aluno uma atitude muito filosófica, porque eles, a nível do 3.º Ciclo, ainda não têm esse sentido ainda muito bem apurado para poderem especular e deduzir e também textos que apelem aos valores morais e sociais. Eu acho que isto é muito importante, porque, se não for adquirido na base, queima-se uma etapa importante e, depois, é muito mais difícil para os alunos apreenderem esses valores. Textos que apelem a uma cidadania responsável, consciente e activa.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>Tem de haver lugar para todas as tipologias textuais. O manual deve ser um instrumento onde o professor não deve ficar preso e, não estando preso ao</i>	3.º Ciclo

	<p><i>manual, o professor pode seleccionar uma maior variedade de textos que vão ao encontro dos interesses dos alunos, que tenham a ver com o seu dia-a-dia e fomentem o espírito crítico. Eu uso os textos dos livros, mas também gosto de seleccionar os meus próprios textos, com determinadas características, que podem ser o tema que se relaciona com o dia-a-dia deles, com uma notícia... depende. Depois, também temos os textos literários muito bons que os ajudam a desenvolver o sentido estético e seleccionados de acordo com os interesses que podem despertar nos alunos, de modo a despoletar a discussão. A qualidade do texto, ao apontarem para o universo dos jovens. Ir mais depressa para um texto que diga algo aos alunos, não aqueles textos que se apontam para descrições, mas que não dizem nada aos alunos.</i></p>	
	<p>E.3. <i>Os alunos deverão trabalhar textos que os preparem para a integração no mundo do trabalho, como os textos normativos e utilitários. Claro que para um conhecimento mais apurado da língua, sem dúvida que se devem trabalhar os textos literários.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.4. <i>Dar várias tipologias textuais, literários e não literários, mas que sejam textos actuais. Há manuais que trazem textos que já não dizem nada aos alunos, notícias de já há muitos anos. Também devemos trabalhar textos com diferentes graus de dificuldade.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>Textos que tenham a ver com aspectos que estão a desenvolver e que não sejam textos maçudos, aqueles textos demasiado informativos e em que não há algo que cativa o aluno, onde ele não vê um fio condutor e, em certo ponto, parece que se perde na leitura. Têm de ser textos que digam algo ao aluno, que o marque, que fique no ouvido, onde acha alguma coisa que ele possa ir</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<p><i>buscar como exemplo, como alguns poemas que lhes fica nos ouvidos. Têm de ser textos que cativem os alunos, que tenham a ver com as suas vivências. Textos que lhes sirvam para a vida activa, muitas vezes como referência.</i></p>	
	<p>E.6. <i>Seleccionaria textos literários que servissem de modelo de escrita para os alunos, bem como transmissores de valores para a construção de uma cidadania participativa e responsável. Os textos não literários serviriam mais para preparar o aluno para as exigências do dia-a-dia, sem qualquer pretensão de dissecação, como ensinar o aluno como se preenche determinados impressos, se faz uma reclamação, mas sem toda aquela teoria que os manuais trazem. Seria um trabalho, predominantemente, prático e de treino.</i></p>	3.º Ciclo
	<p>E.7. <i>Textos de diferentes géneros textuais com uma característica comum: bem escritos. Isto não significa que os textos não literários (utilitários), não têm de ser bem escritos.</i></p>	Secundário
	<p>E.8. <i>Sempre que possível, devem ser usados textos significativos para os alunos.</i></p>	Secundário
	<p>E.9. <i>Ao longo dos vários ciclos, defendo que devem ser abordados todos os tipos de texto, literários e não literários. É uma forma de prepararmos os nossos alunos para o futuro, levando-os a compreenderem qualquer tipo de texto que venham a ler.</i></p>	Secundário
	<p>E.10. <i>Textos que digam algo aos alunos, que se identifiquem com as suas vivências e as suas fantasias. Podem ser textos desde a Idade Média até à contemporaneidade, mas eles têm que acarretar consigo uma mensagem que se mantém actual. O fascínio está no aluno compreender essa mensagem. Se o fizer, o texto tornou-se significativo para o aluno. Num texto, o</i></p>	Secundário

	<i>mais importante, é a mensagem que eles veiculam. Essa mensagem deve ser compreendida pelo aluno. Os textos não literários e utilitário, sobretudo os do domínio transaccional e educativo, também devem estar presentes em contexto de sala de aula para se poder preparar o aluno para aspectos que surgem no dia-a-dia, como preencher uma declaração numa Repartição de Finanças.</i>	
	E.11. <i>Características a nível da forma e do conteúdo.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
6.1. Acha que, no quadro da disciplina, o texto literário tem perdido terreno para os textos utilitários? Que justificação encontra?	E.1. <i>No nível que lecciono não, mas, por aquilo que eu ouço, parece que sim, sobretudo ao nível do 10.º ano. No 3.º Ciclo não, o texto literário continua a ter um papel de relevo. Já no Ensino Secundário, parece-me que, pelo que ouço dizer, o texto utilitário tem vindo a assumir uma certa relevância. Penso que o texto utilitário tem assumido alguma predominância nos programas escolares devido ao seu papel mais prático, visando uma preparação mais alargada do aluno e que o prepare para as exigências do dia-a-dia, prepara-os mais para a vida activa. Saber usar/ler o jornal, uma revista, saber redigir determinados documentos.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>No básico continua a prevalecer o texto literário, talvez porque este se revele mais motivante para o aluno e incute-lhes o sentido de belo, do escrever bem. Serve-lhes de modelo.</i>	3.º Ciclo
	E.3. <i>No básico continua a prevalecer o texto literário porque se apresenta como mais motivante para o aluno e está também de acordo com aquilo que é o Plano Nacional de Leitura. Tenta-se incutir no aluno o gosto pela leitura e tal só se pode fazer através do uso do texto literário. Pretende-se, sobretudo, formar um cidadão</i>	3.º Ciclo

	<p><i>leitor, que saiba apreciar o texto e uma obra literária como uma manifestação de arte, como uma obra de arte. É este sentido estético que se pretende formar nos alunos e que eles vejam nesses textos modelos para as suas aprendizagens no domínio da escrita.</i></p>	
	<p>E.4. <i>A nível do 3.º Ciclo não se tem verificado muito isso, embora o texto utilitário também já apareça como conteúdo programático, como é o caso do texto jornalístico. No 10.º ano, sim, o texto utilitário tem assumido alguma relevância. Os próprios Exames Nacionais vão apontando para aí, para os textos informativos e utilitários. O aluno do Ensino Secundário tem de estar preparado para ler qualquer tipo de texto e daí extrair informação. Trata-se de preparar o aluno para a vida activa e aí ele tem que lidar com uma diversidade de textos.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>Talvez. Eu já há bastante tempo que não tinha 3.º Ciclo e, agora, passados estes anos, acho que sim, que tem perdido terreno. Talvez os nossos alunos não sejam pessoas que não lêem muito, não têm um leque diversificado de vocabulário e essa pode ser uma justificação para que eles, através do texto não literário, entendam melhor aquilo que lêem. No Ensino Secundário, nós perdemos alguns textos literários que costumávamos dar, perdemos alguns que estavam no Programa e foram substituídos por outros. Por exemplo, os Cancioneiros Medievais, Fernão Lopes... que já não damos. Às vezes, eu considero esses textos interessantes e importantes para dar determinado assunto e eu cito-os, faço referência. Eles não conhecem esses textos, por isso, tem de ser uma referência muito vaga. Não lamento a sua perda por os considerar importantes, mas porque os alunos ficavam com uma visão mais abrangente da</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<p><i>nossa literatura. Acho que os alunos, hoje, eram capazes de, por exemplo, em relação a uma Cantiga de Amigo, eles não lerem por não acharem interessante, talvez por imaturidade e porque as novas tecnologias lhes ocupam bastante tempo e funcionam como novas motivações. As novas tecnologias levam a que os alunos percam hábitos de leitura. Eles não lêem porque perdem imenso tempo na net e no computador e, então, os alunos não são levados a pensar; não exercitam a inteligência porque não são levados a pensar. Eles, quando se lhes faz determinada pergunta, referem logo: “Não sei.” e nem sequer querem pensar, porque se sentam junto a um computador e à televisão e tudo lhes entra de “bandeja” sem estarem à procura de nada. Não chegam a assimilar informação nem tão pouco têm uma atitude crítica. Falta-lhes criatividade, imaginação e impera uma infantilidade. Os textos seleccionados pelos Programas, muitas vezes, não fomentam esse espírito crítico.</i></p>	
	<p>E.6. <i>Tem. E explica-se pelos Exames Nacionais, mas lamento porque se perde muito. O estudo do texto literário, sem sombra de dúvida, serve de modelo de escrita.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.7. <i>Não me parece.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.8. <i>Talvez isso aconteça no 10º ano de escolaridade. No entanto, é necessário pensar bem qual o perfil dos alunos que queremos formar: críticos literários ou bons falantes, lentos e escreventes da língua portuguesa?</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.9. <i>Acho que sim, sobretudo no ensino secundário. Creio que uma das razões será a dificuldade de motivação dos alunos para a leitura; para eles, o que é obrigatório é de evitar; a leitura de obras integrais torna-se cada vez mais difícil para os alunos.</i></p>	<p>Secundário</p>

	E.10. <i>Sim, tem perdido terreno porque se considera que o texto utilitário é um tipo de texto pragmático, logo faz parte das vivências do dia-a-dia do homem em sociedade.</i>	Secundário
	E.11. <i>Penso que o texto literário para ser trabalhado devidamente ocupa-nos uma grande parte do ano lectivo, o texto utilitário, neste aspecto, é bem mais simples de trabalhar e a sua proliferação talvez esteja associada ao facto de, actualmente, vivermos rodeados dos mais diversos meios de comunicação e também porque as exigências em termos informáticos são cada vez maiores.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
6.2. Que papel(eis) atribui ao ensino do texto literário enquanto dimensão do ensino da língua?	E.1. <i>Um papel de sensibilização, estético, de prazer também e de reflexão. Exige um trabalho intelectual muito maior, exigente, mais metafórico, mais elaborado. É um modelo para o aluno.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>Pode-se ensinar língua a partir de qualquer texto, seja ele literário ou não literário/utilitário, mesmo o mais banal. Não lhe atribuo um estatuto de primazia ou privilégio, mas é apenas mais um instrumento de trabalho da língua com especificidades próprias e que devem ser exploradas como tal e sempre ao serviço da formação de bons leitores, escreventes e falantes da língua. O texto não literário servirá para explorar outras dimensões da língua. Tanto um como outro têm a sua importância atendendo às suas finalidades e especificidades.</i>	3.º Ciclo
	E.3. <i>Para o conhecimento mais aprofundado da língua, o texto literário apresenta-se com mais potencialidades como meio privilegiado de aquisição de certas competências. Apura o sentido estético do aluno e serve-</i>	3.º Ciclo

	<i>lhe de modelo para o constituir como um bom utilizador da sua língua, seja na sua dimensão oral ou escrita. Também contribuí para despertar no aluno a gosto pela leitura e desenvolve-lhe o sentido crítico.</i>	
E.4.	<i>Servem de referente, de texto modelo para nós e para os alunos. Funcionam como uma boa prática a ser seguida. São obras-primas da língua materna. São um modelo para quem deseja escrever bem, para quem gosta de escrever ter um ponto de referência.</i>	3.º Ciclo e Secundário
E.5.	<i>O texto literário é muito importante para o ensino da língua. A partir do texto literário pode-se trabalhar todos os domínios da língua. Será também um exemplo como escrever bem, como se deve escrever. É um exemplo que os alunos têm como modelo a seguir.</i>	3.º Ciclo e Secundário
E.6.	<i>Acho que é importantíssimo. Acho que torna o ensino e a prática da língua muito mais enriquecedora.</i>	3.º Ciclo
E.7.	<i>Uma aula de Português não é uma aula de Literatura Portuguesa. Por isso, um texto literário não deve servir para ensinar o funcionamento da língua mas a sua dimensão textual (gramática textual, sim) e estética.</i>	Secundário
E.8.	<i>É evidente que o texto literário permite uma abordagem da dimensão estética e lúdica da língua num grau impossível de atingir noutros textos. É precisamente essa faceta que o professor deve explorar com os seus alunos, seleccionando os textos mais significativos e adequados a cada grupo – turma, a cada subgrupo, ou mesmo, se fosse possível, a cada aluno.</i>	Secundário
E.9.	<i>Um bom texto literário encerra em si uma quantidade enorme de possibilidades de abordagem; e se considerarmos a língua no seu aspecto mais formal, o ensino da língua em si não pode ser um dos primeiros objectivos no estudo do texto literário. Se considerarmos</i>	Secundário

	<i>a língua em todas as suas dimensões (morfologia, sintaxe, semântica...), então um texto literário, pelas suas características, é óptimo para o estudo da língua.</i>	
	E.10. <i>O texto literário explora o valor estético da língua, mexe com a percepção subjectiva do meio que nos rodeia e leva o leitor/escrevente a adquirir uma maior sensibilidade na expressão das ideias e vivências.</i>	Secundário
	E.11. <i>Além de evidenciarmos a beleza desses tipos de texto, podemos ainda, a partir do mesmo, aprofundar aspectos mais pertinentes da língua materna; seria talvez descabido leccionarmos conteúdos sem termos um ponto de partida e o texto literário é o melhor meio para o fazermos.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
7. Em sua opinião, qual o estatuto que a “gramática” deve ter no ensino da língua?	E.1. <i>Acho que é fundamental, mesmo fundamental, mas acho que há aqui uma questão que é só se ela for bem interpretada e bem aplicada porque, caso contrário, não faz sentido. A gramática não é de ser decorada, é mais de ser interiorizada e é isso que não se faz. Saber o significado e a razão de uma adjectivação, por que é que está uma metáfora. A gramática aplicada à exploração do texto. Não adianta saber qual é a ordem directa da frase se, por acaso, o aluno, na prática, depois não souber aplicar.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>Eu acho que é importante. Eu acho que é importante trabalhar a gramática para adquirir as regras e, portanto, eu gosto de saber e transmitir essas regras. Eu acho que a gramática é importante para compreender a própria língua. É importante, mas não deve ter a primazia no ensino da língua. É importante para ler bem, para escrever bem, para falar bem e para ter conhecimentos a nível do funcionamento da própria</i>	3.º Ciclo

	<p><i>língua. Falar bem é também dominar a gramática da língua e deve-se privilegiar o estudo da gramática como um momento importante.</i></p>	
	<p>E.3. <i>Eu sou apologista que o ensino da gramática, a par da leitura do texto literário, contribui para desenvolver aprendizagens mais profundas no domínio da língua. Contribui para um melhor uso da própria língua, para a aquisição de uma melhor expressão. Também se aprende gramática através dos textos. A nível do funcionamento da língua, acho de extrema importância apetrechar os alunos de ferramentas que lhes possibilite o exercício pleno de uso da língua em diferentes contextos e situações comunicativas. Que o constituem como ser versátil no uso de uma ferramenta essencial para o seu dia-a-dia. Há um aspecto curioso e importante no ensino e aprendizagem da gramática que é levar os alunos a pensar sobre o que é que as palavras significam e o que elas significam na frase e no texto enquanto realização máxima da língua. É muito mais importante levá-los a reflectir sobre o funcionamento da própria língua do que levá-los a decorar regras e terminologias que não entendem e que, depois, à partida, esquecem porque decoraram sem perceberem o porquê de assim ser. Temos que ensinar a gramática estabelecendo relações com a vida do quotidiano. Tenho de trazer para o âmbito do ensino e aprendizagem da língua aspectos da vida quotidiana.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.4. <i>Quanto a mim, a gramática deve ser sempre um complemento, domínio dado sempre a propósito de outros conteúdos. Deve ser dada de tal forma que os alunos percebam que tem alguma utilidade o seu estudo. Não lhe dar primazia absoluta, mas também deve ser importante, embora não exclusiva. Também esta deriva</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<i>terminológica que tem invadido o ensino nestes últimos anos em nada tem contribuído para que se trabalhe convenientemente a gramática em sala de aula. Essa realidade tem causado algum mal-estar; alguma insegurança nos professores, evitando-se assim, muitas vezes, trabalhar aspectos relacionados com a gramática da língua ou mesmo trabalhar com mais pormenor e dedicação aspectos do funcionamento da língua.</i>	
	E.5. <i>Acho que não nos podemos esquecer do papel da gramática. A gramática é importante porque sem ela não podemos reflectir sobre a língua. Mesmo até ao final do secundário devemos de a ter sempre presente. É muito importante trabalhar, em aula, aspectos relacionados com o estudo da gramática para que os alunos saibam reflectir sobre a língua e exprimir-se com correcção linguística.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.6. <i>A gramática é o apêndice. Trabalha-se muito a gramática. Tem um papel de total primazia. Para falar e escrever bem, tem que se dominar bem a gramática, as regras de funcionamento da língua.</i>	3.º Ciclo
	E.7. <i>Não existe ensino da língua sem ensino da gramática. O problema é que há equívocos: a gramática da frase é uma vertente da Gramática; a gramática textual não é apenas o estudo dos conectores.</i>	Secundário
	E.8. <i>Alguém disse que a gramática é a consciência da língua. E falaremos / escreveremos melhor se tivermos consciência daquilo que estamos a dizer...Deve, portanto, a gramática ser abordada não como fim em si mesmo, mas como um meio de facilitar a compreensão/expressão oral / escrita.</i>	Secundário
	E.9. <i>Um bom conhecimento da língua só pode ser conseguido se houver também um bom conhecimento da “gramática”; só se pode escrever/falar bem se se tiver o</i>	Secundário

	<i>domínio da língua, e “isto” implica também a “gramática”.</i>	
	E.10. <i>A gramática é indispensável no ensino da língua, isto é, esta componente visa aliar a prática à reflexão sobre a estrutura e funcionamento da língua como condição para o aperfeiçoamento do uso da língua.</i>	Secundário
	E.11. <i>A gramática é importante pois é através dela que conseguimos uma correcta expressão escrita e oral.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
8. Na sua opinião, o que deveria ser ensinado aos alunos sobre a língua, isto é, qual o corpo de conhecimentos sobre a língua que deveria ser ensinado na escola?	E.1. <i>História da língua, morfossintaxe, semântica lexical, fonética e linguística textual.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>Deve-se privilegiar, tal como o programa já o faz, um pouco dos vários domínios. Na aula de língua deve haver espaço para a leitura, para a escrita, para a oralidade e para o estudo da gramática. Tudo contribui para a formação da pessoa como um bom utilizador de uma ferramenta da máxima importância na sua vida pessoal, social, cultural... e essa ferramenta é a sua língua. O ensino do Português deve ser um momento para despoletar uma série de competências que mais nenhuma disciplina conseguirá fazer, daí eu dizer que o Português é uma disciplina abrangente e completa. Deve dar-nos um conhecimento vasto sobre diversas situações do dia-a-dia.</i>	3.º Ciclo
	E.3. <i>Acho que os actuais programas tocam o essencial relativamente a esse corpo de conhecimentos visto que se trabalha desde o texto literário ao texto utilitário, exploram-se várias tipologias textuais, contudo, penso que esse corpo de conhecimentos se apresenta muito repetitivo ao nível de determinados anos de escolaridade. Dá-se muito do mesmo, como é o caso do texto narrativo que se explora, a nível do 3.º Ciclo, nos</i>	3.º Ciclo

	<p><i>três anos de escolaridade que o compõem, insistindo-se muito nas categorias da narrativa e em conceitos literários em detrimento de uma reflexão mais aprofundada sobre o funcionamento da língua. Trabalha-se muito o texto desenraizado da sua essência como tal, como a mais alta manifestação da língua. É no texto que se verte as normas/regras que constituem uma língua enquanto sistema. Dever-se-ia dar mais realce à linguística descritiva.</i></p>	
	<p>E.4. <i>Conteúdos que preparassem os jovens para a vida activa, privilegiando-se mais uma componente prática e utilitária da língua, assim como desenvolver convenientemente competências do domínio da escrita. Prepará-los mais para a vida activa e não tanto para o prosseguimento de estudos. Construir cidadãos proficientes no uso da língua. O ensino do Português devia contemplar as duas vertentes: um ensino mais direccionado para aqueles alunos que querem prosseguir estudos e um ensino mais direccionado para aqueles que, acabado o 9.º ano, querem ingressar no mercado de trabalho. Hoje em dia, os conteúdos são indiferenciados quer se trate de uma ou de outra realidade. Muitos alunos referem: “Para que é que eu necessito de saber isto para ir trabalhar não sei para onde”. Para esses, o ensino do Português deveria apresentar mais uma vertente prática e de utilidade imediata ou a curto prazo. Muitas vezes, importa mais formar bons técnicos do que maus doutores. A escola actual dá igual formação, no domínio do Português, a todos os alunos, não diferenciando aqueles que querem prosseguir estudos daqueles que querem, por exemplo, ficar só com a escolaridade ao nível do 12.º ano.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>Penso que o essencial, aquela base que se deveria</i></p>	<p>3.º Ciclo e</p>

	<p><i>ensinar. Acho que devemos atribuir ao ensino do Português um carácter mais reflexivo e não tanto de exposição/transmissão de conceitos e teorias. Levar os alunos a pensar, a reflectir sobre o sistema da sua própria língua. Era importante dar-se as normas de ortografia e levar o aluno a pensar na razão pela qual se escreve de um determinado modo e não de outro. Um 1.º Ciclo bem assimilado ao nível da constituição de um corpo de conhecimentos sobre a língua é de extrema importância, onde se procedia à explicação de conceitos básicos sobre o funcionamento da língua, tal como as regras ortográficas e outras. Mas que esse corpo de conhecimentos se desenvolvesse através do trabalho autónomo e de pesquisa do aluno, através de uma atitude reflexiva e crítica. O início da escolaridade obrigatória deveria ser mais consistente de modo a incutir-lhes aquelas regras básicas a tal ponto de eles nunca mais esquecerem essas regras básicas de modo a que eles nunca mais as esquecessem. A fraca competência linguística dos nossos alunos do 3.º Ciclo e Ensino Secundário tem a ver com uma má formação ao nível do 1.º Ciclo. O erro é aquele que persiste porque já está enraizado ao longo de um percurso significativo de aprendizagens deficitárias.</i></p>	Secundário
	<p>E.6. <i>As regras de funcionamento da língua que necessitam de ser bem assimiladas e compreendidas e certos conceitos literários. Também é necessário que o estudo da língua possibilite que o aluno desenvolva uma série de competências de âmbito mais lato de modo a construir cidadãos críticos, social, económica, cultural e politicamente participativos e interventivos.</i></p>	3.º Ciclo
	<p>E.7. <i>Tudo o que for possível com o menor número possível de designações (etiquetas).</i></p>	Secundário

	<p>E.8. <i>A disciplina de Português é aquela que mais tem a dar aos alunos no que diz respeito à formação individual e social do aluno. Ela deve transmitir um conhecimento vasto, vários saberes que integrem aqueles domínios mais intrínsecos à especificidade do ensino da língua, como os conteúdos linguístico-comunicativos e literários, mas também deve contribuir para a formação do indivíduo integral na sua dimensão estética e ética, sem esquecer a sua vertente de cidadão crítico e social, cultural e politicamente participativo e interventivo. Se o ensino do Português desenvolver essas competências está a cumprir uma das suas finalidades principais que, afinal de contas, é a finalidade primordial e máxima de qualquer sistema de ensino: preparar bem o indivíduo para a sua vida activa e para o mercado de trabalho.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.9. <i>Creio que os actuais programas dos diversos níveis de ensino estão adequados aos conteúdos que considero essenciais para um aluno considerado “normal”.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.10. <i>O que está no actual Programa do Ensino Secundário é o corpo de conhecimentos sobre a língua que deve ser ensinado.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.11. <i>A gramática, na minha opinião, deveria ser ensinada aos alunos de uma forma mais estruturada e não como um repetir de conteúdos ano após ano. Cada vez é mais complexo cativar os alunos nesta área porque eles acham que estão sempre a aprender o mesmo e que pouco ou nenhum valor vai ter em termos futuros. Logo no 1º ciclo os alunos são confrontados com uma série de conteúdos que, alguns, decoram mecanicamente e passado pouco tempo já esqueceram; outros, jamais os aprenderam ou aprenderão. Ao longo do 2º e 3º ciclos as coisas processam-se mais ou menos da mesma forma.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<i>Na minha opinião no 1º ciclo só deveriam ser ensinados conceitos muito específicos e ao longo dos restantes ciclos aprender-se-iam e aprofundar-se-iam de acordo com a exigência de cada um deles.</i>	
--	---	--

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
8.1. Considera que a instituição de uma terminologia linguística uniforme, ao longo de todo percurso escolar do aluno, facilitaria o processo de ensino e aprendizagem da língua materna?	E.1. <i>Eu acho que facilitava. Não faz sentido haver uma diversidade ou multiplicação de conceitos e termos. Também não faz sentido a coexistência de duas nomenclaturas: a de 67 e a actual terminologia. Deve-se caminhar para um consenso que leve a uma maior e eficiente uniformização de termos e conceitos. A Nova Terminologia de 24 de Dezembro de 2004 é mais complicada, não é muito “simpática” e, se a gramática já é um domínio do ensino do Português que os alunos não gostam, temo que a Nova Terminologia venha ainda piorar mais essa realidade. Que venha fazer com que professores e alunos ganhem uma aversão ao processo de ensino e aprendizagem da gramática.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>Eu acho que o problema não está na terminologia mas no modo como comunicamos, como transmitimos esse conhecimento, esse saber gramatical, na forma como encaramos a língua portuguesa. Eu acho que o problema está na forma como encaramos a gramática. Acho que o importante é criarmos o gosto para... pela língua. Mas, quando eu falo de língua, falo de tudo, do gosto pela leitura e tudo o que o ensino de uma língua implica. Eu penso que a existência de uma terminologia linguística uniforme pode facilitar um pouco para que toda a gente fale a mesma linguagem. Pode facilitar o ensino da gramática se não só uniformizar mas também simplificar.</i>	3.º Ciclo
	E.3. <i>Claro que sim. Acho de extrema importância</i>	3.º Ciclo

	<p><i>proceder-se, como está a acontecer, à uniformização terminológica para facilitar as aprendizagens do domínio da gramática e acabar com as ambiguidades e uma certa anarquia terminológica que imperou e impera nas nossas escolas, assim como nos manuais e inúmeras gramáticas que proliferam no mercado. É necessário haver bom senso.</i></p>	
	<p>E.4. <i>Sim, e muito. Evitar-se-ia a deriva terminológica que tem enfermado o ensino do Português e que em muito tem contribuído para afastar, quer alunos quer professores, do prazer de estudar/ensinar língua.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>Sim, acho que sim. Torna-se um pouco complicado para os alunos que sempre aprenderam de uma forma e agora dizemos-lhes que é de outra. Claro que tem de haver uma maior clarificação e explicação dos novos termos ou da substituição de uns por outros. Por exemplo, agora dizemos nome ou substantivo, dizemos oração ou não dizemos. Caminhamos para a uniformização terminológica mas a mesma ainda necessita de muito esclarecimento para que não se torne mais ambígua e complicada do que a anterior. Eu, pessoalmente, fiz uma Acção de Formação sobre a Nova Terminologia e acho que não é assim tão complicada como muita gente diz. Para mim, não a acho complicada, para os alunos, como eles já gostam muito pouco de estudar gramática, é capaz de ser e de os alunos apresentarem maior resistência ao seu estudo.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.6. <i>Pode facilitar se também simplificar termos e conceitos e se houver formação adequado para os professores.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.7. <i>Sim, sem qualquer dúvida. Mas o problema não é a terminologia mas a falta de conhecimento gramatical.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.8. <i>Sim.</i></p>	<p>Secundário</p>

	E.9. <i>Não tenho dúvidas de que deverá haver uma terminologia comum a todos os alunos e a todo um percurso escolar, o que facilitaria certamente a aprendizagem da língua.</i>	Secundário
	E.10. <i>Sim, se conciliar, simplificar e uniformizar.</i>	Secundário
	E.11. <i>Penso que sim. Não acho correcto aprender-se de uma determinada forma e a meio do processo todas as coisas se inverterem.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
8.2. O que pensa da nova Terminologia Linguística?	E.1. <i>Não concordo, porque não representa uma mais-valia e só complica um conteúdo que já não era agradável para os alunos.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>Acho que há aspectos positivos, embora ainda não conheça a nova versão. Inicialmente, a primeira reacção foi de resistência, mas, depois de frequentar uma acção de formação, vi que havia pontos positivos e que até vinha simplificar e vinha explicar algumas coisas, outras não. Como a própria língua tem evolução, de vez em quando é necessário rever as suas regras. Pode ser positivo, agora não devemos ficar presos a isso, isto é, não devemos fazer da Nova Terminologia o centro do ensino da língua portuguesa.</i>	3.º Ciclo
	E.3. <i>Acho-a de extrema importância se se concretizar aquilo que esteve na sua essência: a simplificação e a uniformização terminológica.</i>	3.º Ciclo
	E.4. <i>Para 2.º e 3.º Ciclo acho-a complexa, sobretudo na parte da morfologia e da sintaxe. Acho que os miúdos, por norma, já não gostam de estudar gramática e penso que a Nova Terminologia pode ainda vir a dificultar mais o trabalho da gramática em sala de aula. Há partes da Nova Terminologia que aparece simplificada relativamente à nomenclatura anterior. Houve uma</i>	3.º Ciclo e Secundário

	<i>tentativa de uniformização terminológica e acho tal importante e não é de discordar muito dessa parte. Para os alunos mais novos será uma mais-valia essa uniformização. Se se conseguisse uma maior simplificação seria, de facto, uma mais-valia.</i>	
	E.5. <i>Acho que a Nova Terminologia tem termos que nós não chamávamos pelo nome e, agora, vamos começar a fazê-lo. Diferencia mais as coisas e explica melhor os conceitos. Ajuda-nos a reflectir mais.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.6. <i>Não acredito nesta terminologia. Só complicou ainda mais um conteúdo que já não era muito do agrado dos alunos, mas tal também tem a ver com o modo como foi implementada, introduzida. O modo como foi posta em prática estragou tudo. É muito mais complicada do que a anterior.</i>	3.º Ciclo
	E.7. <i>Sobre a última? Ainda não estudei bem a terminologia literária que lhe foi incorporada. Houve um esforço de consenso.</i>	Secundário
	E.8. <i>Penso que é uma terminologia demasiado complexa para ser objecto de ensino para jovens até ao final do Ensino Secundário.</i>	Secundário
	E.9. <i>Continua a ser demasiado complexa.</i>	Secundário
	E.10. <i>Não simplifica, não uniformiza, ou seja, complica para além de aumentar grandemente o número de termos gramaticais.</i>	Secundário
	E.11. <i>Penso que é algo extremamente complexo, quer para alunos, quer para professores. Se os alunos já não simpatizam muito com a gramática na forma actual, com a Nova Terminologia considerá-la-ão algo intragável.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
<p>9. Na sua opinião, que estratégias e metodologias de trabalho pedagógico se apresentam mais profícuas no ensino da língua?</p>	<p>E.1. <i>A redacção de várias tipologias textuais, a criação da Biblioteca de Turma para criar hábitos de leitura. É uma estratégia clássica, mas continuo a achar que se reveste de máxima importância para criar hábitos de leitura. O convite de escritores à escola. Concursos de leitura e de escrita.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.2. <i>Ora bem, é dar espaço para os alunos reflectirem, levá-los a pensar. É dar-lhes tempo para pensar. É levá-los a transpor o conhecimento adquirido em novas situações que podem ser recriadas em sala de aula. É envolvê-los no ensino também como agentes das próprias aprendizagens. É criar situações de interacção e de trabalho colaborativo.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.3. <i>As estratégias e as metodologias utilizadas em sala de aula para tornar o ensino da língua mais eficaz, primeiramente têm de se adaptar, adequar ao tipo de público que tenho na minha frente. Essa adequação é essencial. Determinadas estratégias e metodologias podem-se revelar muito eficazes numa turma e o professor sair da aula e sentir que aquela aula, de facto, foi produtiva e profícua, mas com outros alunos, com outra turma, o mesmo professor pode sair totalmente desmotivado e desanimado porque as estratégias e as metodologias que implementou não trouxeram o resultado esperado. O professor é o mesmo, as estratégias e as metodologias foram as mesmas, os conteúdos foram os mesmos, então, o que falhou? Falhou a adequação ao público que tem na sua frente, à realidade que tem na sua frente. O professor nunca se pode esquecer disto: a adequação das estratégias e das metodologias ao público-alvo. Deve haver uma adequação não só em relação ao objectivo visado, mas também à turma específica que temos na nossa frente.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<p>E.4. <i>Estratégias que levem os alunos a descobrir, incutir-lhes o prazer da descoberta. Seleccionar textos que lhes digam algo, que os seduzam. Privilegiar o trabalho prático e apelar a saberes que eles já dominam para a construção de novas aprendizagens. Motivá-los, por exemplo, através da escolha do texto. Deixar que, por vezes, sejam eles a seleccionar os textos. Privilegiar também o uso da imagem e de esquemas, tudo depende dos conteúdos programáticos. Evidentemente, também se deve recorrer às novas tecnologias da informação e comunicação, visto que é uma área que eles dominam e que os motiva. Pedir para os alunos recolherem material, textos que gostariam de ver trabalhados na aula.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>Talvez o trabalhar bastante a escrita, a produção de texto que, muitas vezes, na aula, não temos tempo e mandamos para casa e corrigimos, mas era preciso ter tempo para, na aula, pô-los a produzir textos. Eles elaborarem o texto na própria aula onde teriam a oportunidade de tirar as dúvidas ao nível da produção, da estruturação e organização do discurso. O professor teria tempo de passar pelas carteiras e, individualmente, com o próprio aluno, corrigir o texto, dar sugestões... Corrigir em casa e entregar na aula não se apresenta como uma boa solução nem como uma boa prática porque os alunos, por vezes, depois nem sequer olham para o exercício corrigido ou não percebem a razão de determinada correcção. É essencial pôr os alunos a escrever em sala de aula, dar-lhes oportunidade de resolver as dificuldades, ao nível da produção de texto, no momento em que este está a ser produzido. Trabalhar o vocabulário, a sintaxe, a estruturação e organização das ideias, a ortografia...</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<p>E.6. <i>Penso que as novas tecnologias podem ajudar imenso o processo de ensino e aprendizagem da língua. Elas fazem parte do mundo real dos alunos. É com elas que eles acedem a um grande número de informação, por isso, elas são uma boa fonte de construção de saberes. Não lhes devemos dar total supremacia, mas utilizá-las sempre que as mesma se revelem mais eficazes para o ensino da língua. Também defendo um ensino pela descoberta, em que o professor é apenas um orientador das aprendizagens, na base de uma pedagogia para a autonomia.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.7. <i>O mais importante é que o aluno veja (para a maioria dos alunos ver não é nada fácil sem a ajuda do professor) reflecta. Mais importante que qualquer metodologia específica é a capacidade do professor em construir conhecimento.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.8. <i>Qualquer metodologia ou estratégia é boa se for eficaz, isto é, se conduzir a boas aprendizagens. Cada caso é um caso e deve haver adequação das metodologias/estratégias ao grupo turma com o qual se está a trabalhar.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.9. <i>Em primeiro lugar, só se aprende com vontade de aprender; depois, creio que uma boa prática será partir do texto para o estudo das diversas especificidades da língua, consoante os interesses da altura. A partir daqui, terá de existir prática, muita prática...</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.10. <i>O Contrato de leitura e a Oficina de Escrita são metodologias de trabalho pedagógico profícuas, mas que carecem de tempo lectivo. Daí que as aulas de Português do Ensino Secundário devam ter pelo menos mais um tempo lectivo de 45 minutos.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.11. <i>Elaboração de esquemas, o decorar quadros-síntese, tal como se decorava a tabuada e que,</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<i>actualmente, se tem vindo a descurar (poucos são os alunos que têm facilidade em memorizar poemas, preposições, conjunções, ...) porque esse trabalho que deveria ser feito numa faixa etária mais baixa não foi desenvolvido, mais tarde não é possível fazê-lo.</i>	
--	---	--

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
10. Na sua prática profissional, que papel atribui ao manual escolar?	E.1. <i>Talvez mais do que aquilo que deveria, mas porque facilita imenso. É um recurso fácil de utilizar e organizado e com o qual é muito fácil trabalhar. Também é aquele que é mais facilmente disponibilizado ao aluno. Não obriga a que estejamos a preparar textos. A falta de tempo, muitas das vezes, não nos permite estar a criar outros recursos e o livro está sempre acessível.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>É um dos recursos que pode e deve ser usado já que os alunos o compraram, mas eu sou a favor da quase não existência do manual. Acho que, se fosse o próprio professor a seleccionar e a construir o seu próprio manual, de acordo com o programa, teríamos um melhor ensino da língua porque o adaptaríamos às reais necessidades dos alunos. Haveria um maior trabalho de pesquisa quer por parte do professor quer por parte do aluno. Construir-se-ia um portefólio onde ficaria arquivado todo o material trabalhado, utilizado e produzido em aula. O manual pode ser um instrumento, mas não devemos ficar presos a ele. É apenas um instrumento de apoio, mas deve dar-nos uma certa liberdade de acção.</i>	3.º Ciclo
	E.3. <i>O manual pode ser, e deve ser, um guia de trabalho, um suporte de apoio à aula, mas não o devemos seguir à risca. A nossa preocupação não se deve centrar em acompanhar todos os conteúdos com o</i>	3.º Ciclo

	<p><i>apoio do manual, mas servirmo-nos dele quando, de facto, ele pode ser uma mais-valia, caso contrário, podemos e devemos recorrer de outro tipo de materiais e recursos. Para mim, porque já trabalhei no ensino nocturno e preparei os meus próprios materiais, senti que o processo de ensino e aprendizagem ganhou mais com isso, porque eu seleccionei os materiais e os textos de acordo com a realidade concreta que tinha à minha frente. Eu produzia diferentes materiais adequados a uma determinada realidade e tal atitude também se mostrou mais profícua, porque cativava mais os alunos para o estudo. O livro deve ser apenas um auxiliar, mas não deve funcionar como planificação de todas as actividades a desenvolver em sala de aula. Cumprir o Programa não é dar tudo o que está no livro.</i></p>	
	<p>E.4. <i>É um dos suportes usados e, por vezes, quase exclusivo. Algumas vezes, a escolha do manual não é a mais acertada e isso obriga-nos a pesquisar e a elaborar outros tipos de materiais. Temos de ter a capacidade de, no manual, seleccionar aquilo que verdadeiramente interessa e que se adapta às necessidades dos nossos alunos, o que nem sempre acontece e o que nos obriga a construir os nossos próprios materiais. Muitas vezes, o professor recorre mais ao manual porque é o que está mais acessível, já que não tem tempo para seleccionar e elaborar os seus próprios materiais.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>Há manuais que são muito bons e devem ser utilizados, há outros que não e que nos obrigam a procurar muito material por fora, como textos noutros manuais ou mesmo obrigando o próprio professor a produzir os seus próprios materiais. Há manuais que trazem soluções para as actividades propostas e isso</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<p><i>não é benéfico para o aluno porque ele tem tendência a copiar o que está nessas soluções sem compreender o conteúdo visado. Eles vão ver as soluções. Por isso, recorro ao que não está no manual para quebrar essa tendência. Depende muito da qualidade do manual, mas, por muito bom que ele seja, acabo sempre por recorrer a outros textos ou actividades presentes noutros manuais. Por vezes, prefiro ser eu a construir esses materiais, sobretudo quando lecciono conteúdos relativos ao funcionamento da língua em que vou à gramática e tento elaborar exercícios que tenham a ver com o quotidiano dos alunos para eles verem que a gramática não é tão complicada como eles querem fazer crer.</i></p>	
	<p>E.6. <i>É apenas mais uns instrumento de trabalho entre muitos. Penso que, relativamente ao ensino da língua, alcançaríamos mais sucesso educativo se fossem os professores a construírem os seus próprios materiais adaptados às suas turmas.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.7. <i>É um instrumento de trabalho entre outros: voz, quadro, computador, filme, visita de estudo... Noto, porém, que já tive de me justificar perante pais e alunos por não “utilizar muito” o manual.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.8. <i>É um mal necessário.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.9. <i>O manual continua a ser o elemento comum e essencial para o trabalho diário com os alunos; no entanto, considero o quadro (normal ou interactivo) um elemento importante nesta relação professor / aluno; por outro lado, cada vez é mais difícil o recurso a “fichazinhas” informativas para dar aos alunos, devido sobretudo aos custos das mesmas.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.10. <i>O manual escolar, na minha perspectiva, é um instrumento de trabalho indispensável.</i></p>	<p>Secundário</p>

	E.11. <i>Serve-me como ponto de partida para o trabalho diário, no entanto, recorro, muitas vezes, a outros materiais para completar ou enriquecer a aula.</i>	3.º Ciclo
--	---	------------------

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
11. Na sua opinião, quais são os saberes que devem ser valorizados nas práticas de avaliação nas disciplinas da área do Português?	E.1. <i>Os saberes que se manifestam num uso correcto da língua e muito relacionados com as competências do domínio da oralidade, da escrita e funcionamento da língua. A disciplina de Português deve fornecer ao aluno um conhecimento tão vasto quanto possível de modo a torná-lo um bom utilizador da língua, um bom falante e escrevente, o que, logicamente, também passa pelas competências do aluno enquanto leitor. Um bom leitor é um bom utilizador da língua.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>Eu acho que deve ser um pouco de tudo. Avaliar o saber interpretar, o saber escrever, o saber resolver questões do domínio do funcionamento da língua. Eu penso que são todos esses saberes, também contemplados nos Programas. Avaliar o sentido crítico dos alunos. As competências de leitura. Infelizmente, os nossos alunos pensam que só devem saber aquilo que sai no teste, tudo o resto é de menor importância. São os saberes que os preparam para a vida e não só para os Exames Nacionais. Há mais vida para lá dos testes e eles têm de possuir as ferramentas essenciais e necessárias que os preparem para a vida.</i>	3.º Ciclo
	E.3. <i>Devemos valorizar os saberes contemplados nos vários domínios já previstos nos Programas: ouvir, falar, escrever e ler. Não se deve sobrevalorizar apenas o domínio da escrita, embora esse domínio continue a ser valorizado e privilegiado, sobretudo, ao nível dos Exames Nacionais. Penso que o ensino da língua deve possibilitar a aquisição de saberes, de um corpo de</i>	3.º Ciclo

	<p><i>conhecimentos tão vasto quanto possível de modo a fazer de cada aluno um bom utilizador da sua língua, um cidadão que saiba, a partir do bom domínio da sua língua, participar na vida da “polis”, na sociedade, um cidadão participativo, interventivo, crítico, construtor do progresso, competitivo no mercado de trabalho. O ensino do Português deve possibilitar que o aluno seja capaz de utilizar a língua nas mais variadas situações e contextos comunicativos.</i></p>	
	<p>E.4. <i>Os conhecimentos são importantes. Esses saberes, expressos nos Programas através dos vários domínios, ouvir, falar, escrever e ler, devem possibilitar formar indivíduos cada vez mais autónomos, críticos, participativos e colaborativos enquanto cidadãos pertencentes a uma comunidade, mas também enquanto cidadãos do mundo, já que se fala muito da globalização. A disciplina de Português é riquíssima ao nível da transmissão de saberes e estes devem preparar o aluno para a vida activa. Não visa formar escritores ou críticos literários, mas cidadãos conscientes e responsáveis, autónomos na utilização de uma ferramenta tão preciosa como é a língua, daí já ter ouvido chamar ao Português, Língua do Conhecimento.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>Temos de valorizar a oralidade, a forma como o aluno intervém, as suas intervenções na aula, a forma como lê. Também o seu empenho. Quando se avalia, não se avaliam só os saberes, também se avaliam as atitudes, o saber ser e o saber estar. Não se deve valorizar só os saberes expressos nos testes. Tal é impossível. Deve-se avaliar os vários saberes contemplados nos Programas e vertidos nos vários domínios: ler, falar, escrever e ouvir, sem esquecer o saber ser e o saber estar. O conjunto desses saberes é</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<i>que vai formar o aluno como cidadão crítico e participativo na sociedade. Fornece-lhe uns instrumentos considerados básicos para ingressar na vida activa e poder ter sucesso.</i>	
	E.6. <i>A disciplina de Português é aquela que mais saberes mobiliza. É uma disciplina abrangente e que deve fornecer aos alunos uma série de competências que os preparem para a vida. Penso que esses saberes devem estar relacionados com o desenvolvimento da competência de leitura e da escrita, o que, necessariamente exige o domínio de competências ao nível da compreensão interpretação e funcionamento da língua. Todos esses saberes devem possibilitar a formação de um bom falante e escrevente da sua língua, mas também desenvolver no aluno o sentido crítico para que possa participar activamente, com responsabilidade, na sociedade.</i>	3.º Ciclo
	E.7. <i>Todos aqueles cujo suporte seja a linguagem do seu autor (o aluno): voz e escrita.</i>	Secundário
	E.8. <i>Saber construir um texto (oral /escrito) onde o discente exponha / defenda as suas ideias; interpretar os sentidos explícitos e implícitos de textos de tipologia variada; utilizar a língua de forma correcta; fruir esteticamente o texto literário.</i>	Secundário
	E.9. <i>Compreensão e expressão.</i>	Secundário
	E.10. <i>Os saberes relativos às competências de utilização da língua.</i>	Secundário
	E.11. <i>Os principais ligam-se ao domínio cognitivo. Além destes, todos estão interligados pois não podemos, por exemplo, dissociá-lo do saber estar.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
<p>12. Na sua opinião, quais são os instrumentos de avaliação que se apresentam como mais vantajosos para avaliar as competências no domínio da língua?</p>	<p>E.1. <i>Grelhas de avaliação da leitura e da oralidade, os testes de avaliação sumativa e aqueles que nos permitem fazer uma avaliação o mais objectiva possível das actividades de produção de texto que pode passar, por exemplo, pela modelo de uma grelha muito semelhante a utilizada na correcção dos Exames Nacionais em que nos aparece os níveis de desempenho e a estruturação temática e discursiva.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.2. <i>A palavra “vantajosos” foi bem escolhida. Se considerarmos mais salvaguardadores da prática pedagógica, temos que considerar que são os testes sumativos, pois são aqueles que tradicionalmente medem os saberes, segundo dizem, com mais rigor. Afere-se se um professor ensinou bem ou mal os conteúdos programáticos pelo número de negativas ou positivas que os seus alunos tiraram nos testes. Os Exames Nacionais, com os seus famosos rankings, só vêm comprovar esta prática. Agora duvido que sejam os instrumentos mais fiáveis, porque medem determinados saberes referentes a um período de tempo e a determinados conteúdos que, muitas vezes, só são estudados e/ou memorizados na véspera dos testes e, depois, esquecem-se. São saberes descartáveis: usam-se e deitam-se fora. Como mais favoráveis, encontro as grelhas de observação de aulas que contemplam vários domínios, desde aqueles saberes mais do âmbito cognitivo aos do âmbito comportamental/atitudinal e dos valores essenciais. Pensam que essas grelhas, efectivamente, podem-se apresentar como instrumentos eficazes, mas não únicos, para avaliar um leque tão variável de competências que a disciplina de Português deve avaliar.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.3. <i>Segundo as metodologias de ensino mais</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<p><i>tradicionais, consideravam-se as Fichas de Avaliação Sumativa como os instrumentos de avaliação mais credíveis para avaliar, para medir com maior rigor as aprendizagens dos alunos e esta realidade não se alterou significativamente nos nossos dias. Os alunos são avaliados, também, pelos Exames Nacionais. Quando, se fala em critérios gerais de avaliação, verificamos que se atribui ao domínio cognitivo 80% da avaliação final a atribuir aos alunos. Sabemos que, por vezes, esses 80% resultam apenas no somatório das avaliações atribuídas às Fichas de Avaliação Sumativa. Penso que instrumentos de avaliação que se apresentam como mais vantajosos para avaliar as competências no domínio da língua são aqueles que resultam de uma negociação entre os alunos e os professores de modo a tornar esses actores co-responsáveis do processo de ensino e aprendizagem. Também se apresenta como muito vantajoso os instrumentos de auto-avaliação. A auto-avaliação é uma prática que deve e tem de ser valorizada. Essa auto-avaliação deve resultar de uma reflexão crítica das aprendizagens e deve ser discutida com o docente. No fim de determinado conteúdo, de determinada unidade, dever-se-ia proceder a uma auto-avaliação das aprendizagens. Os instrumentos de avaliação devem ser sempre formativos, mas nunca punitivos.</i></p>	
	<p>E.4. <i>Segundo uma perspectiva mais tradicional, perspectivava-se os testes de avaliação e os exames como os instrumentos mais objectivos e fiáveis para avaliar os conhecimentos revelados pelos alunos ao nível das competências do domínio da língua. Actualmente, não se modificou muito esta perspectiva e esses instrumentos continuam a representar uma grande</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<p><i>percentagem ao nível da avaliação dos alunos, sobretudo ao nível do término de um ciclo de estudos/escolares. Para mim, há outros instrumentos como os contratos de leitura, grelhas de avaliação do oral, o portefólio do aluno, mas os testes de avaliação continuam a ter uma grande expressão na classificação final a atribuir ao aluno e penso que deve continuar a ter. Não se deve reduzir as aprendizagens dos alunos às classificações conseguidas e atribuídas nos testes, mas estes, sem dúvida, devem continuar a ter um peso considerável porque são aqueles instrumentos que melhor medem as aprendizagens dos alunos e que fornecem ao docente dados mais fiáveis sobre a aquisição/não aquisição de determinados conteúdos.</i></p>	
	<p>E.5. <i>Claro que devemos dar um valor aos testes e esse valor é acordado em Departamento e tem o consenso de todos os professores. Mas os alunos têm de estar constantemente actualizados e qualquer instrumento capaz de avaliar as competências dos alunos manifestadas nos vários domínios é considerado vantajoso desde que possibilite que essa avaliação seja feita com rigor, imparcialidade, objectividade e equidade. A análise de um texto pode funcionar como um bom instrumento de avaliação.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.6. <i>Continua-se a privilegiar os testes escritos e, de certo modo, vejo alguma coerência nisso porque são aqueles instrumentos que, num dado momento de aprendizagem e respeitante a determinados conteúdos, nos fornecem dados mais fiáveis sobre essas aprendizagens. Diz-se que são eles que melhor medem os saberes dos alunos e daí encontrarmos uma explicação para a razão de ser dos Exames Nacionais. Mas há outros instrumentos, como as grelhas de</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<i>observação, grelhas de oralidade e leitura, de trabalho de grupo... Penso que a conjugação destes vários instrumentos nos dá indicadores para procedermos a uma avaliação justa. Mas claro que os testes representam uma grande percentagem da classificação final a atribuir ao aluno.</i>	
	E.7. <i>Aqueles que sejam construídos por/com os avaliados.</i>	Secundário
	E.8. <i>Qualquer tipo de trabalho presencial pode tornar-se um instrumento de avaliação vantajoso para esse fim.</i>	Secundário
	E.9. <i>Em minha opinião, creio que os testes escritos, quaisquer que sejam as suas estruturas ou formas, continuam a ser os melhores instrumentos.</i>	Secundário
	E.10. <i>Os testes orais e escritos.</i>	Secundário
	E.11. <i>Avaliação oral e fichas de trabalho.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
13. Considera que as disciplinas da área do Português contribuem de facto para a preparação dos alunos para a vida? Porquê?	E.1. <i>Se calhar não, mas deveria preparar porque quanto melhor dominarmos a língua, melhor poderemos argumentar, exprimir as ideias, ter uma atitude mais participativa na sociedade, porque também temos um sentido crítico muito mais desenvolvido. Hoje em dia despreza-se muito as competências do domínio da língua a favor da construção de uma sociedade tecnocrata em detrimento dos aspectos sociais e humanos.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>Depende do que nós trabalhamos com os alunos e de como trabalhamos com os alunos. Se eu me limitar àqueles textozitos, àqueles objectivos, àquele Programa, acho que não os prepara devidamente. Agora, se houver a tal liberdade do professor adaptar os conteúdos às suas turmas concretas, acho que sim. É importante o</i>	3.º Ciclo

	<p><i>professor ser possuidor de um poder criativo para, dentro da sala de aula, ser capaz de desenvolver toda uma série de competências que ultrapassem os Programas, mas que são essenciais para a vida. Os professores que levam para a sala de aula problemas concretos do quotidiano, que debatem, que geram a discussão mais do que incutir apenas conteúdos, de facto, estão a formar um cidadão crítico, participativo e com poder de intervenção na sociedade. Se a disciplina de Português não prepara convenientemente os alunos para a vida activa, todos temos a nossa quota de responsabilidade: o Ministério, as Escolas e os professores. Os manuais também têm a sua quota-parte.</i></p>	
	<p>E.3. <i>Deveria contribuir, mas, se calhar, não. Penso que os programas andam um pouco desfasados da realidade actual. Há vários meios de informação que, de certa forma, retiram algum interesse pela disciplina. Os Programas deveriam sofrer uma alteração tendo em conta as novas realidades sociais, os novos interesses, privilegiando e incrementando o uso das novas tecnologias e outras fontes de conhecimento. Temos uma escola muito heterogénea, com alunos com os mais variadíssimos interesses e chegar a esses alunos que não têm o menor interesse pela escola e incutir-lhes um Programa que é idêntico para todos, faz com que o professor de Português não obtenha o sucesso desejado nem prepare devidamente o aluno para a vida activa, porque se formatam os alunos todos do mesmo modo. Isso, por si só, condiciona a própria actuação quer do professor quer do aluno. Temos alunos que não querem nada com a escola, que estão lá por obrigação, a quem a escola não diz absolutamente nada, temos alunos que querem aprender alguma coisa porque têm objectivos,</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<p><i>querem seguir uma determinada área e, depois, temos aqueles que não sabem o que querem mas também não estão contra a aprendizagem e penso que os Programas deveriam ser diferenciados de modo a corresponder aos interesses e às necessidades destes ou de outros grupos de alunos.</i></p>	
	<p>E.4. <i>Prepara. Para umas coisas sim, mas sobretudo para um domínio razoável da língua na sua vertente escrita, mas, mesmo neste domínio, continuam a verificar-se certas carências, porque não há tempo suficiente para, em sala de aula, se trabalhar convenientemente este domínio. Penso que, a nível do domínio da oralidade a realidade, se está a alterar um pouco, com a escola a apostar, também, neste domínio. Penso que fornece aos alunos uma preparação razoável ao nível do funcionamento da sua língua. Podia-se fazer mais, mas com os recursos que temos, penso que já vamos contribuindo para fornecer aos alunos um domínio razoável da sua língua, ferramenta essencial para a integração do aluno na vida activa.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>Prepara no sentido que eles sabem ler e interpretar e esta não é uma especificidade exclusiva do Português, mas é transversal a todas as áreas. Ler e interpretar, exprimir-se, assim como escreverem. Penso que, no final do 9.º ano, ao nível do domínio da sua língua como ferramenta essencial para o pleno ingresso na vida activa, penso que não prepara convenientemente. Eles não têm consciência da importância do domínio da língua, por exemplo, para o desempenho competente não só de uma profissão socialmente reconhecida e economicamente compensadora, mas também para as mais diversas situações e contextos do dia-a-dia. Eles pensam que pelo facto de o Português ser a sua língua</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<p><i>materna, a língua do quotidiano, já se podem considerar uns exímios utilizadores da língua e, depois, deparam-se com situações caricatas como, por exemplo, quando são confrontados com o preenchimento de formulários em vários serviços públicos e não só, quando necessitam de fazer uma reclamação, quando pretendem elaborar um curriculum vitae... No 12.º ano já há uma maior responsabilidade e responsabilização do aluno, mas, mesmo assim, só uma minoria de alunos é que saem minimamente preparados e isso é bem visível na correcção dos Exames Nacionais do 12.º ano. Os alunos dão imensos erros ortográficos mesmo naquelas palavras consideradas básicas no quotidiano do aluno, como escrever sem acentos, troca do “o” pelo “u”, palavras sem “h” quando o deveriam ter. Falta muito trabalho de casa, hábitos de leitura e de escrita e os telemóveis e os computadores contribuem para acentuar essa realidade. Os alunos deveriam ter mais horas de Português.</i></p>	
	<p>E.6. <i>Não sei, acho que não vai, ou melhor, leva o mínimo. Acho que privilegiamos demasiado os conteúdos e não as competências. Continuamos a dar, porque o Programa assim o exige, muitos conteúdos, mas desenvolvemos muito pouco as competências. Há um Programa a cumprir e temos que prestar contas do seu cumprimento ou não cumprimento.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.7. <i>Sim (se não contribuem é porque algo está errado). Porquê? Porque a língua é com certeza o instrumento mais poderoso e mais sublime de que o homem dispõe; porque a escola deve fazer com que qualquer cidadão conheça as suas potencialidades e as use.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.8. <i>Prepara minimamente no sentido em que lhes fornece as competências básicas ao nível da utilização</i></p>	<p>Secundário</p>

	<i>da língua. Penso que, apesar de tudo, prepara melhor no domínio da oralidade do que da escrita. Quanto a esta última competência, penso que os alunos saem mal preparados, porque para a desenvolver convenientemente é necessário um maior investimento de tempo que a dimensão dos actuais programas não permitem. São programas que privilegiam os conteúdos em detrimento das competências. Penso que o surgimento de uma disciplina relacionada com a Oficina de Escrita seria de extrema utilidade para a preparação de um bom escrevente em língua materna.</i>	
	E.9. <i>Eu acho que sim; pelo menos sinto essa preocupação por parte de todos os docentes de Português. Por outro lado, creio que os programas abarcam um conjunto bastante amplo de textos, quer literários quer não literários, com os quais os alunos terão de lidar no seu dia-a-dia.</i>	Secundário
	E.10. <i>Sim. O uso da língua na oralidade e escrita é fundamental para qualquer cidadão no seu dia-a-dia.</i>	Secundário
	E.11. <i>Sim, são o meio de que todos dispõem para aprenderem a interpretar, reflectir e compreender o que lhes é exigido.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
14. Em sua opinião, quais as finalidades/objectivos que deveriam ser associados ao ensino do português na escola?	E.1. <i>Isto se falarmos nos 9.º anos? Saber falar correctamente, saber ler correctamente, saber escrever correctamente. Saber ouvir. Os alunos não sabem ouvir e isso é muito importante. O aluno deveria adquirir o gosto pela Literatura Portuguesa, mesmo ao nível do ensino básico. Eu tenho alunos que adoram ler, embora também se encontre um meio familiar por trás que proporciona esse gosto. Só que não é fácil para todos. O mal está no ritmo de</i>	3.º Ciclo e Secundário

	<p><i>aprendizagem. Temos alunos que revelam enormes dificuldades de aprendizagem que se acumulam desde o 1.º Ciclo e que é necessário combater com estratégias, metodologias e objectivos que conduzam não só ao sucesso educativo dos alunos, mas também à formação de um bom utilizador da língua. Ser capaz de falar, interpretar e redigir correctamente.</i></p>	
	<p>E.2. <i>Os objectivos devem proporcionar formar cidadãos que sejam bons utilizadores da língua, bem como possuidores de uma competência crítica que lhes permita ser cidadãos participativos na sociedade. Vamos ensinar-lhes a desenvolver uma consciência crítica fundamentada. Deveria haver momentos que lhes proporcionasse diversificadas aprendizagens e que não se confinem apenas ao espaço sala de aula. Deve proporcionar diferentes actividades que os motive para.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.3. <i>Penso que as finalidades e os objectivos deveriam corresponder aos reais interesses e necessidades de determinados grupos de alunos. Claro que esses objectivos devem contemplar conteúdos literários e linguísticos, mas, se calhar, importa mais que a um determinado grupo de alunos que os objectivos incluam mais práticas de funcionamento da língua e não tanto a exploração de conteúdos literários. De qualquer forma, penso que há objectivos gerais que se devem ter em conta independentemente do grupo de alunos que se tenha da frente e esses objectivos têm a ver com o saber utilizar correctamente a língua em várias situações comunicativas, ler e interpretar convenientemente diferentes tipologias textuais e escrever com correcção linguística e ortográfica.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<p>E.4. <i>Estamos num sistema de ensino em que todos têm direito à educação e onde existe uma heterogeneidade de alunos com interesses e objectivos diversificados, bem como com diferentes ritmos de aprendizagem. A disciplina de Português tem de ter em consideração estas realidades, sem perder de vista que os seus objectivos primordiais se relacionam com os quatros grandes domínios que a constroem enquanto disciplina relacionada com o ensino da língua: ouvir, falar, ler e escrever. Penso que a disciplina de Português nunca deve perder de vista estes quatro domínios, mas deve-se privilegiar objectivos relacionados com a compreensão e interpretação de enunciados orais e escritos, bem como com a produção de enunciados escritos. Penso que a principal finalidade do ensino do Português se deve relacionar com o desenvolvimento dessas três competências: compreensão, interpretação e produção de enunciados escritos já que esta é uma finalidade e responsabilidade quase exclusiva da escola.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>Escrever segundo diversas tipologias textuais. Desenvolver a competência de escrita, mas, para isso, era necessário atribuir mais horas à disciplina de Português. Temos que nos preocupar não só em transmitir conteúdos, mas também em desenvolver competências. Não vale a pena debitar conteúdos se a esses conteúdos não associarmos o desenvolvimento de determinadas competências. Muitas vezes, esquecemo-nos das competências e valorizamos muito mais os conteúdos porque temos que cumprir um Programa. Ensinar Português deveria ter como principal objectivo a formação de</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<p><i>cidadãos que fossem capazes de usar a língua com propriedade em várias situações de comunicação, desde contextos informais a formais. Ensinar língua deveria possibilitar a formação de cidadãos críticos, possuidores de uma metalinguagem e de uma competência linguística que lhes possibilitasse problematizar a própria língua.</i></p>	
	<p>E.6. <i>O ensino do Português deverá proporcionar aos alunos um bom conhecimento, domínio da sua língua nas suas várias dimensões: ouvir, falar, ler e escrever. Ouvir e falar são práticas comuns a todos os falantes e que, à priori, estão à disposição de todos os falantes no seu dia-a-dia. Porém, ler e escrever são práticas que ainda não estão suficientemente enraizadas na sociedade portuguesa. Lê-se pouco e escreve-se pouco. Talvez a escrita ainda seja aquela dimensão em que as pessoas se sentem menos à vontade porque é uma prática exigente e que nos expõe aos olhos dos outros. A escola deve assumir esse papel, deve saber que lhe compete a ela e, em particular, ao professor de Português, formar leitores e escreventes competentes. O ensino do Português nunca se pode, nem deve, alhear desta realidade. Ler e escrever são práticas que se adquirem e desenvolvem na escola. Ler e escrever significa, também, o desenvolvimento do espírito crítico, analítico e criativo. Ler e escrever são sinónimo de uma bagagem cultural significativa. Quando se fala em ler e escrever, fala-se em toda uma bagagem cultural: transmissão de valores, princípios, ideologias... Só assim o ensino do Português formará um cidadão dotado das competências que lhe permitam ser um cidadão</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<i>social, política e culturalmente participativo. Este deve ser o objectivo primordial do ensino do Português.</i>	
	E.7. <i>Os objectivos/finalidades dos programas são sempre o que de melhor existe nos programas...</i>	Secundário
	E.8. <i>Preparar os discentes para serem bons falantes e escreventes da sua língua materna e para serem bons leitores / apreciadores de literatura em geral e da literatura portuguesa em particular.</i>	Secundário
	E.9. <i>Numa altura em que um número cada vez maior de alunos a enveredar pelo ensino superior, será necessário preparar os alunos para serem capazes de responder aos desafios que lhe serão colocados no futuro, quando, ainda por cima, os docentes deste grau de ensino se queixam que os alunos escrevem cada vez com maiores deficiências.</i>	Secundário
	E.10. <i>Esses objectivos devem estar relacionados com a preparação de um bom utilizador da língua e, em parte, os Programas já se direccionam nesse sentido. Contudo, na prática, nem sempre assim é. Penso que objectivos relacionados com o desenvolver as competências ao nível da oralidade e da escrita são da máxima importância, afinal estas são as duas manifestações máximas de comunicação, de realização de uma língua. Tais objectivos também devem de ir ao encontro à preparação de um cidadão crítico e participativo na vida da “res publica”.</i>	Secundário
	E.11. <i>A Língua materna deveria ser vista como um meio para o desenvolvimento de inúmeras capacidades nas diversas áreas do saber. O Português?????</i>	3.º Ciclo

² Não é audível o resto da resposta.

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
<p>15. Lê-se e ouve-se que os alunos, quando saem da escola, não sabem ler ou lêem pouco, que não sabem escrever ou falar. Partilha este diagnóstico?</p>	<p>E.1. <i>Sim, é verdade. Infelizmente, cada vez se sai da escola com menos competências. Diminuiu-se o grau de exigência e, como é lógico, também se verifica ao nível do ensino do Português. Os alunos têm outras motivações, sabem outras coisas e, infelizmente, as competências de leitura e de escrita cada vez passam a assumir um papel mais secundário.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.2. <i>É o que se ouve, mas eu acho que não é totalmente assim. Os alunos que eu tenho preparado, penso que saem com as competências essenciais. Este panorama não é geral. Na maioria, e porque também dou explicações, o que se nota é que os alunos manifestam dificuldades ao nível da leitura e da escrita porque não têm hábitos de leitura nem de escrita. Os alunos não lêem e escrevem pouco. Então, cabe à escola, e à disciplina de Língua Portuguesa em particular, contrariar esse cenário. Na maioria, sim, mas, na minha experiência, eu tenho trabalhado no sentido de contrariar essa tendência e, na minha aula, eu obrigo-os a falar, obrigo-os a ler e a escrever. Penso que, na generalidade, se pode tecer esse comentário, mas há casos particulares que, felizmente, contrariam a generalidade.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.3. <i>Em relação a muitos alunos é verdade, sobretudo em relação àqueles alunos que não querem nada da escola, daí a necessidade de diversificar não só a oferta formativa, mas, sobretudo, os Programas. Não é por acaso que, recentemente, tenham surgido outras alternativas para os alunos, como é o caso dos cursos profissionais. Muitos alunos já procuram os cursos profissionais e estes devem apostar em Programas que</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<p><i>correspondam e satisfaçam as reais necessidades destes alunos e estejam adaptados de tal modo que preparem o aluno para o ingresso ou a prática de uma determinada profissão. Como desconheço os Programas desses cursos, como é óbvio, não vou tecer qualquer comentário.</i></p>	
	<p>E.4. <i>Em relação a muitos alunos é verdade, principalmente em relação àqueles alunos que não querem nada da escola. Em relação ao ensino do Português, essa é uma realidade preocupante porque os programas, muitas vezes, não dizem nada aos alunos, os textos, em particular, e os conteúdos, em geral, não estão de acordo com um determinado perfil de aluno e pensa-se que temos de ensinar a mesma coisa a todos os alunos, logo, muitos desinteressam-se pela disciplina. Essa realidade, em parte, justifica-se deste modo.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>É verdade. Eles não sabem ler, nem sabem escrever, têm falta de vocabulário e não têm hábitos de leitura porque a sociedade e as famílias também se desresponsabilizaram dessa tarefa. É uma realidade que não cabe só à escola alterar. É um problema social e também cabe à família assumir um papel de relevo nessa função e o que se verifica é que esta é só uma função que se atribui quase em exclusivo à escola. Tem de haver um trabalho colaborativo entre a escola e a família. Penso que neste domínio a família tem um papel preponderante de supervisionar e incrementar o gosto pela leitura e pela escrita. É no seio da família que estas duas competências devem encontrar o foco de motivação. À escola compete-lhe desenvolver e aprofundar essas competências.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.6. <i>Concordo em parte. Os alunos saem minimamente preparados. Diminui-se o grau de exigência e tal tem os</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<i>seus reflexos na disciplina de Português. Os alunos têm outras motivações, outros interesses e, cada vez, há menos espaço para se trabalhar as competências mais escolares, como a leitura e a escrita.</i>	
	E.7. <i>Não me preocupo com o senso comum.</i>	Secundário
	E.8. <i>O caso português é apontado com um dos mais graves nesse âmbito e enquanto não for toda a sociedade a gerir esse problema, não é a escola sozinha que o conseguirá resolver. Enquanto houver, por ex., meios de comunicação social a assassinarem constantemente a língua (quer por erros cometidos, quer por falta de criatividade na sua utilização) será muito difícil melhorar este estado de coisas.</i>	Secundário
	E.9. <i>Não considero que seja uma generalidade; no entanto, a massificação do ensino e a abertura do ensino superior a praticamente todos os alunos permitiu que todos, mesmo os que apresentam dificuldades na leitura e na escrita, possam prosseguir estudos, com todas as consequências que daí resultam...</i>	Secundário
	E.10. <i>Sim, na generalidade, mas nada de grave.</i>	Secundário
	E.11. <i>Não, felizmente ainda há muitos alunos que têm muito prazer em ler um livro, em descobrir aventuras e novos saberes nas páginas de um livro.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
16. O que deve saber e saber-fazer o professor de Português?	E.1. <i>Deve saber motivar, dar o exemplo no que respeita ao saber ler, escrever e falar. Sobretudo, deve saber seleccionar os conteúdos de acordo com as motivações e preferências da turma.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>Deve saber motivar e incutir o gosto pela língua. Deve saber falar, comunicar com naturalidade, de falar de coisas que nunca ninguém fala, de saber colocar questões que levem o aluno a pensar, a reflectir. Deve</i>	3.º Ciclo

	<p><i>ter, sobretudo, uma competência pedagógica que lhe permita transmitir os saberes de um modo motivante, atractivo. Penso que a competência científica é importante, mas esta, sem uma boa competência pedagógica, não produzirá o efeito desejado e o efeito é motivar os alunos para as aprendizagens. O professor pode ser muito bom cientificamente, mas, se não souber comunicar esses conhecimentos, se não souber cativar, transmitir esses conhecimentos de um modo tão natural e eficaz, dificilmente conseguirá levar ao sucesso educativo. O bom professor é aquele que sabe conduzir a...</i></p>	
	<p>E.3. <i>Tentar o mais que puder motivar os alunos para a leitura de textos, saber fazer uma exploração adequada da leitura, motivar para a interpretação, para a escrita. Pôr os alunos em contacto com textos de diferentes tipologias, motivá-los a frequentar a biblioteca escolar e dar indicações sobre autores e obras que podem ser lidas naquele grau de ensino. Deve saber incutir nos alunos hábitos de leitura, o prazer pela leitura. Deve saber motivar os alunos a partilhar as leituras. Deve ser ele o exemplo e mostrar aos alunos o prazer de ler. Se o professor não souber transmitir esse prazer, dificilmente cativará os alunos para a leitura. A postura do professor em sala de aula, a sua postura profissional também influencia muito as aprendizagens dos alunos. Um professor motivado cativará mais os alunos para as aprendizagens do que um professor desmotivado. O entusiasmo com que o professor lecciona condiciona ou não as aprendizagens dos alunos. Em primeiro lugar, o professor tem de gostar do que está a fazer e os alunos são sensíveis a isso.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.4. <i>Tentar o mais que puder para motivar os alunos</i></p>	<p>3.º Ciclo e</p>

	<p><i>para a leitura, para a interpretação e para a escrita. Por o aluno em contacto com textos de diversas tipologias e incentivá-los à leitura, a frequentar a biblioteca escolar. Deve saber encaminhar os alunos para a biblioteca escolar e incentivá-los à leitura, orientá-los na escolha de uma obra e, depois, levá-los a partilhar essa leitura com o grupo turma. A actuação do professor em sala de aula é fundamental, o saber estar e comunicar de modo a cativar o aluno para o estudo. Também tem a ver com o seu próprio entusiasmo na transmissão de saberes. O professor pode não gostar de leccionar determinado conteúdo, mas nunca pode transmitir isso para os alunos. O professor, em primeiro lugar, tem de gostar daquilo que está a fazer e os alunos são extremamente sensíveis a isso.</i></p>	Secundário
	<p>E.5. <i>Ter uma cultura muito abrangente, uma boa cultura geral. Deve saber falar e escrever bem, isto é, deve ser um exemplo a seguir pelos alunos. Um exemplo na forma como fala, como lê, como escreve, como apresenta e explica a matéria. Que comunique e explique de uma forma aliciante. Que transmita não só o gosto pela leitura, pela escrita, mas também por querer saber mais. Deve ter uma cultura abrangente e estar permanentemente actualizado.</i></p>	3.º Ciclo e Secundário
	<p>E.6. <i>Deve saber motivar; comunicar. Tem de ser um bom comunicador e um bom usuário da língua. Usar várias metodologias e estratégias de ensino e estar aberto à inovação, para isso tem de estar em constante actualização. O professor de Português tem de transmitir o gosto pela língua.</i></p>	3.º Ciclo
	<p>E.7. <i>Deve saber (não é só conhecer) muito de língua, bastante de literatura e de muitas outras coisas; deve ser um co-construtor de conhecimento (com cada</i></p>	Secundário

	<i>aluno).</i>	
	E.8. <i>Para além de um conhecimento aprofundado sobre língua e literatura portuguesas (isso inclui o conhecimento de um pouco da língua latina e da cultura clássica) e de se manter actualizado sobre a parte técnica (didáctica), deve ser um bom comunicador e um entusiasta nas actividades que dinamiza na sua aula.</i>	Secundário
	E.9. <i>Essencialmente, um professor de Português deve ser capaz de utilizar correctamente (de forma oral e escrita) a Língua Portuguesa. Deve possuir um conjunto de conhecimentos científicos (de gramática em geral: morfologia, sintaxe, semântica..., e de Literatura) que lhe permita ser capaz de levar os seus alunos a uma formação geral de qualidade; além disso, deverá estar pedagogicamente preparado para ajudar os seus alunos a adquirirem tais conhecimentos; não adianta ser “um barra” a nível científico se não for capaz de “comunicar” correctamente com os seus alunos.</i>	Secundário
	E.10. <i>O professor deve aplicar o que está no Programa da disciplina de forma criativa, recorrendo, sempre que possível, às novas tecnologias, motivando, incentivando os alunos para o escrever e falar bem o Português.</i>	Secundário
	E.11. <i>O professor deve tentar, por todos os meios, cativar os seus alunos para a leitura. Tenho experiências pessoais interessantes associadas à Feira do Livro que todos os anos se realiza na nossa escola, assim como os diversos concursos de leitura e a afluência que os mesmos têm.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
17. Qual a sua opinião sobre a	E.1. <i>Em termos de formação inicial de professores, não me queria pronunciar, mas tenho a percepção que se tem verificado uma falta de qualidade. Relativamente à</i>	3.º Ciclo e Secundário

<p>formação (inicial e contínua) dos professores de Português hoje?</p>	<p><i>formação contínua, a qualidade tem evoluído e cada vez mais se começa a atender às necessidades dos professores, mas deveria haver mais oferta em termos de oferta formativa.</i></p>	
	<p>E.2. <i>O meu estágio não correu muito bem e não correu bem porquê? Porque não correspondeu às minhas expectativas visto que o professor estagiário estava muito dependente das orientações do orientador de estágio. Penso que agora, e de acordo com o novo modelo de estágios, já não é bem assim, mas tem-se verificado uma diminuição da qualidade em termos de formação científica. Em termos de formação contínua, acho que todas as formações são muito teóricas e relevam para segundo plano a componente prática. É tudo muito teórico. Uma formação deve ser, essencialmente, prática, de trabalho cooperativo. Aprende-se muito mais em equipa do que individualmente. Deve-se privilegiar a troca de experiências e de saberes.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.3. <i>Quanto ao actual modelo de estágio, penso que o modelo anterior era muito mais exigente e os estagiários saíam melhor formados. O modelo actual de estágio não forma convenientemente os futuros professores na sua dimensão pedagógica. A formação académica também deixa muito a desejar. Os estagiários, quando chegam às escolas, apresentam lacunas consideráveis ao nível da sua formação científica. Quanto à formação contínua, penso que esta tem vindo a melhorar em termos de qualidade. Há mais qualidade e mais exigência agora do que havia há uns anos atrás. Assume uma vertente mais prática do que teórica e isso é positivo.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.4. <i>Hoje, os professores, na sua formação inicial, não</i></p>	<p>3.º Ciclo e</p>

	<p><i>saem com uma boa formação em termos pedagógicos. Há toda uma política a nível do ensino superior que tem comprometido a formação inicial do professor. Eu acho que as Universidades, quando formam os seus alunos, estão um pouco desfasadas daquilo que são os programas escolares e a realidade das escolas. Cada Universidade forma os futuros professores de acordo com as suas orientações internas e daí verificarmos que a formação inicial de professores difere muito de Universidade para Universidade. O próprio modelo de estágio, tal como está desenhado, penso que em nada contribui para uma boa formação do professor. A base curricular e o grau de exigência nas Universidades baixou muito em relação a um passado não muito remoto. Há uma inflação de notas e tal prejudica a qualidade do ensino. A formação contínua pode ser da máxima utilidade desde que seja específica para a área disciplinar do docente e seja ministrada por entidades credíveis e formadores credenciados. Actualmente, espero que as formações se revistam de um papel mais prático e menos teórico, que seja uma partilha de saberes e experiências didáctico-pedagógicas. A formação contínua deve proporcionar a actualização de saberes, estratégias e metodologias de ensino e deve, também, cativar o formando para o ensino do Português.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.5. <i>Quer uma quer outra são de extrema importância. A formação contínua é importante enquanto forma de actualização dos saberes e partilha de experiências. É sempre bom porque estamos sempre a pesquisar. O professor, na sua formação contínua, procura não só obter novos conhecimentos como também encontrar novas estratégias que lhe proporcionem uma prática</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<p><i>com sucesso. É a partilha de experiências, de angústias, de medos, de saberes, de metodologias... A formação inicial também é muito importante, mas ela é apenas a base e, como base, deve garantir aos futuros professores as ferramentas essenciais para a leccionação. A formação universitária é aquela que nos fornece a habilitação para a docência e essa deve ser credível, exigente e geradora de boas práticas. Penso que os professores que saem das Universidades continuam a sair bem preparados, quanto aos das ESE já duvido. Os professores que me desculpem, mas acho que os alunos que saem das ESE saem com muitas lacunas científicas.</i></p>	
	<p>E.6. <i>Falo pela minha experiência pessoal. Penso que, no passado, saía-se melhor preparado para a docência. Hoje em dia, a nova modalidade de estágios contribui para que se verifique uma deficiência ao nível da preparação pedagógica dos futuros professores. Aquela diminuição ao nível da exigência verificada no ensino básico e secundário também tem os seus reflexos ao nível da formação superior. Cada vez se sai menos preparado do ensino superior. A formação contínua é, e continua a ser, muito importante. O professor deve encontrar, na formação contínua, um espaço de formação privilegiado quer no domínio das competências e dos saberes científicos quer no das competências e dos saberes pedagógicos. A formação contínua é um espaço, também, de partilha de experiências, práticas, metodologias e estratégias de ensino e de aprendizagem.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.7. <i>Não sei generalizar mas parece predominar uma formação inicial feita à medida das disponibilidades/interesses docentes. Formação contínua? Não me parece existir, só aquela que é</i></p>	<p>Secundário</p>

	<i>procurada pelos próprios docentes que sentem uma necessidade.</i>	
	<p>E.8. <i>Não fiz qualquer estudo sobre o assunto, mas o que me diz a minha experiência de dez anos de supervisão pedagógica é que a prática pedagógica deveria começar mais cedo e deveria haver mais exigência nas Universidades relativamente à dimensão científica.</i></p> <p><i>A formação contínua deveria ser mais variada e centrada nas novas ideias educativas e centrada na prática pedagógica.</i></p>	Secundário
	<p>E.9. <i>Relativamente à formação inicial, não tenho um conhecimento pleno dos currículos dos cursos que conferem tal habilitação; mas considero que todos deveriam ter também conhecimentos de Latim e de Grego (continua a achar grave que um docente leccione a disciplina de Português e não tenha conhecimentos daquelas línguas). Em relação à formação contínua, parece-me que, nos últimos tempos, não tem havido a preocupação de desenvolver acções de formação específicas para a prática docente da disciplina de Português; por outro lado, algumas das que vão existindo, nem sempre se relacionam com a prática efectiva dos docentes.</i></p>	Secundário
	<p>E.10. <i>Penso que quer uma quer outra são satisfatórias, embora em relação à formação contínua acha pouca oferta em termos de qualidade e diversidade. Em relação à formação inicial, ela reflecte aquilo que se passa nos níveis de ensino que a antecedem, isto é, tem-se verificado uma diminuição na qualidade, muito fruto do facilitismo que impera no ensino. Esse facilitismo, falta de exigência, naturalmente reflecte-se na qualidade.</i></p>	Secundário

	<p>E.11. <i>A formação é sempre interessante desde que esteja de acordo com a área da Língua materna. Actualmente o que mais nos condiciona é o facto de muitas acções serem pagas e realizadas em locais distantes da nossa escola ou da nossa área de residência. Quanto à formação inicial, penso que temos verificado um decréscimo da qualidade nos últimos anos, sobretudo devido à menor exigência verificada ao nível das aprendizagens. Os futuros professores saem com imensas lacunas do ensino superior, quer no domínio científico quer pedagógico.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
--	---	-------------------------

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
<p>18. Em sua opinião, quais são os principais desafios que hoje se colocam ao ensino do Português nas escolas?</p>	<p>E.1. <i>A motivação para a leitura e para a escrita, porque a família se desresponsabilizou desta tarefa. A família tem vindo a desprezar o acompanhamento aos seus filhos. Penso que o principal desafio que se coloca à escola é trazer a família para o seu seio. Os desafios que se colocam ao ensino do Português estão intimamente relacionados com os desafios que se colocam à escola.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.2. <i>O desafio talvez seja o de mudar a imagem da disciplina de Língua Portuguesa. Se nós perguntarmos a um aluno o que é o Português, ele vai referir que é “uma grande seca”. Deve-se mudar a imagem do Português, alterando-se as práticas. O Português não deve ser uma disciplina predominantemente teórica, mas deve proporcionar o trabalho colaborativo em sala de aula, a interacção verbal, deve tirar proveito das novas tecnologias sempre que necessário.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.3. <i>A escola não tem sabido corresponder aos anseios e às necessidades dos jovens de hoje e isso deve-se às políticas educativas. Continuamos a ter um modelo de</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<p><i>escola ainda muito voltado para uma tradição de escola como transmissora de saberes académicos e saberes que ainda se encontram ancorados em programas de há alguns anos que nunca foram actualizados ou sofreram actualizações pontuais. A escola, e quando falo de escola falo dos sucessivos governos e das suas políticas educativas, nunca deu a devida atenção às reais necessidades do mundo actual e àquilo que são as expectativas dos nossos jovens. Quanto ao ensino do Português, o primeiro desafio que se apresenta é a motivação dos alunos para a disciplina e para a aprendizagem dos vários domínios que a constituem. Temos alunos pouco motivados para a leitura e para a escrita e os professores de Português têm que saber motivar os alunos. Acho que conseguir a motivação dos alunos é o principal desafio que se apresenta ao professor de Português.</i></p>	
	<p>E.4. <i>A realidade do mundo actual é outra, daí os novos desafios. A escola tem de se abrir ao mundo em que os nossos alunos vivem, com as novas tecnologias. Cada vez mais, as novas tecnologias têm que também entrar nas salas de aulas, têm de se assumir como mais um recurso ao dispor dos professores. Hoje, os alunos têm coisas mais interessantes ao seu dispor, como a internet, que os fascina muito mais do que as lições teóricas dos professores. As lições teóricas dos professores, típicas do “magister dixit” têm que dar lugar a aulas cada vez mais práticas, de trabalho de grupo, trabalho de pesquisa e, sempre que possível, usando, também, as novas tecnologias.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>O professor de Português tem que ser um resistente porque são muitos os desafios que se lhe apresentam fruto do avanço das novas tecnologias e de uma</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<p><i>sociedade marcadamente materialista. O professor de Português é um humanista e tem que ser bastante exigente e persistente. O professor de Português tem que saber responder a esses desafios e uma forma de o fazer é trazer as novas tecnologias para a sua sala de aula. Tem que insistir, ser persistente, exigente para que o aluno veja que o Português é uma disciplina importante e fundamental na sua formação. Eles têm que ver uma utilidade prática no estudo do Português. O professor de Português tem de ser inteligente para saber demonstrar a utilidade do estudo do Português enquanto pedra fundamental na formação do aluno e na sua preparação para a vida activa.</i></p>	
	<p>E.6. <i>Os principais desafios encontram-se muito relacionados com as novas tecnologias. As novas tecnologias tomaram conta do mundo e a sala de aula não se pode alhear dessa realidade. O professor de Português tem de saber trazê-las para a sua sala de aula e pô-las ao serviço do ensino da língua. Elas podem ser de grande utilidade para o ensino da língua. Não lhe podemos atribuir um papel subalterno em relação a outros instrumentos nem sobrevalorizá-lo. As novas tecnologias devem ser usadas com peso e medida e sempre ao serviço das boas práticas e das boas aprendizagens. O manual, em suporte de papel, continua a ter o seu papel na sala de aula e as novas tecnologias devem ser um auxílio das aprendizagens e um complemento do manual.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.7. <i>Permanece o desafio da definição do perfil de saída do ensino secundário, acresce o multilinguismo e multiculturalidade.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.8. <i>Penso que é o mesmo desafio que se coloca às outras disciplinas em geral: não podemos continuar a</i></p>	<p>Secundário</p>

	<p><i>leccionar em salas com quatro paredes brancas e um quadro negro. É uma luta demasiado desigual se tivermos em conta a policromia mediática a que os alunos têm acesso fora da escola, mesmo aqueles com mais dificuldades económicas. Há que usar as tecnologias ao serviço da educação e do ensino.</i></p> <p><i>Mas para que isso aconteça é necessário que haja investimento sério na dotação de meios às escolas para que se possa, então, fazer exigências e dar o salto qualitativo. Caso contrário o espaço-escola dirá cada vez menos aos alunos.</i></p>	
	<p>E.9. <i>Um dos grandes desafios que hoje se colocam é a preparação dos alunos para o desenvolvimento rápido da ciência; de facto, as novas tecnologias sofrem uma evolução permanente e temos de ser capazes de as entender, de as utilizar, de nos servirmos delas com eficiência.</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.10. <i>O professor deve ser criativo, inovador, irreverente, fazendo do uso da língua uma coisa interessante e surpreendente. O principal desafio será esse, tentar mudar a imagem do professor de Português como sendo alguém muito teórico que só sabe falar de literatura, de poetas e escritores. O professor de Português deve estar constantemente actualizado e dominar as novas tecnologias. Só assim, conseguirá cativar os alunos para a aprendizagem. Ele tem de estar consciente que os desafios que se colocam à escola actual são de várias ordens. É como diz o ditado: “Se não os consegues vencer, junta a eles”. Sem descaracterizar a função essencial da escola, o professor deve estar aberto às novas tecnologias e tem de dar espaço para que sejam os alunos a ter um papel mais interventivo, colaborativo na dinâmica das aulas.</i></p>	<p>Secundário</p>

	E.11. <i>Entre eles o conseguirmos pôr os alunos a ler, a ter gosto pela leitura, a saberem interpretar o que lhes é apresentado.</i>	3.º Ciclo
--	--	------------------

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
19. Na sua opinião, quais são as principais causas do insucesso verificado no domínio do ensino da língua?	E.1. <i>A falta de pré-requisitos, o comportamento da família, a falta de criatividade, de ideias por parte dos alunos. Acedem a tudo com muita facilidade e não estão habituados a pensar. Tudo o que leva a pensar é causa de desmotivação. Os alunos parece que criaram um mundo próprio muito devido ao uso do computador e à desresponsabilização da família que não tem tempo para estar com eles, logo, eles são muito individualistas e fechados. Criaram o seu próprio mundo e não deixam o adulto entrar nele.</i>	3.º Ciclo e Secundário
	E.2. <i>A desmotivação dos alunos e a imagem que se tem do ensino da língua. É o desinteresse pela disciplina devido ao facto de os alunos não verem nela uma utilidade prática. Estudar Português para quê? Devemos saber mostrar aos alunos que a língua é um bem precioso e eles têm que a saber utilizar com propriedade porque, assim, conseguirão assumir um papel mais activo na sociedade. Que a língua é um dos instrumentos de trabalho mais precioso e mais importante. É a nossa língua que nos constitui como pessoa e nós somos aquilo que transmitimos através do uso que fazemos da nossa língua. Vivemos numa sociedade muito materialista e, então, temos que ser capazes de mostrar que a língua é um instrumento necessário para obtermos sucesso.</i>	3.º Ciclo
	E.3. <i>A desmotivação dos alunos e as sucessivas políticas educativas dos sucessivos governos que não souberam olhar a escola e a educação como motores do progresso</i>	3.º Ciclo

	<p><i>e da produtividade do país. Os alunos estão pouco motivados para o ensino da língua porque não encontram nessa aprendizagem qualquer utilidade e porque há outros interesses que se sobrepõem aos escolares.</i></p>	
	<p>E.4. <i>A motivação dos alunos está muito relacionada com o insucesso dos alunos, assim como a ausência de métodos de estudo e de trabalho. Sem trabalho por parte dos alunos, não vamos a lado nenhum. A família também se encontra muito distante da escola. As famílias demitiram-se muito das suas funções. Os jovens passam muito tempo em casa sozinhos, muito presos às consolas, computadores, MP3 e, depois, aquilo que se dá na escola é muito diferente, é menos sedutor, daí a desmotivação. Porém, a escola tem que cumprir a sua missão: a de formar jovens para a vida activa e, por isso, tem que ser uma escola exigente.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.5. <i>Os alunos não praticam a escrita, não lêem e não estão motivados. Há um desinteresse generalizado pelas aprendizagens, pelos saberes escolares. Há um desinteresse e uma desmotivação em relação há prática da leitura e da escrita. Eles são pouco ambiciosos e há um desinteresse generalizado pela escola e pela procura do saber; pela cultura em geral. Eles não vêem uma utilidade prática no estudo do Português e os alunos estão muito voltados para tudo o que são as novas tecnologias. Há um empenho dos professores para alterar este cenário e, muitas vezes, os professores têm que descer ao nível dos alunos para os tentar cativar para o estudo. O nível de exigência tem baixado porque os nossos alunos cada vez menos se interessam pela escola.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.6. <i>Penso que grande parte do insucesso verificado se</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	<p><i>deve ao declínio da função da escola e à desmotivação dos alunos. Falo em declínio da função da escola porque se procura ver nela mais um espaço de lazer, socialização, partilha... e menos de transmissão de saberes, de conhecimentos. A escola já não é o único meio de transmissão de saberes, mas há outros meios mais aliciantes para os alunos, como é o caso da internet. A escola tem de saber competir com esta nova realidade e penso que, até ao momento, ainda não o soube fazer. A desmotivação dos alunos deve-se, em grande parte, a esse factor. Perante aquilo que o mundo exterior à escola tem para oferecer aos alunos, esta sai derrotada porque os alunos preferem tudo aquilo que se apresenta como menos exigente, mais inovador e mais fascinante. A escola tem que inovar sem se descaracterizar. O seu principal papel continua a ser o de transmissão de saberes e o de formação de cidadãos capazes de enfrentar os desafios da vida activa.</i></p>	
	<p>E.7. <i>Um dos problemas principais reside no perfil do professor de português (formação inicial especializada numa área e residual nas outras; ausência de leituras; pré-construídos relativamente aos modelos de texto dos alunos...). Os outros são os programas e manuais estereotipados. Finalmente, as condições de trabalho nesta disciplina (e.g. como trabalhar a produção escrita com uma turma de 28 alunos? Como trabalhar com apenas duas aulas por semana?).</i></p>	<p>Secundário</p>
	<p>E.8. <i>O desfásamento que atrás foi focado pode ser um dos factores de insucesso. A falta de tempo evidente para treinar as competências básicas e essenciais (dois blocos de noventa minutos por semana não chegam) associada ao elevado número de alunos por turma condiciona logo a realização de Oficinas de Escrita e de</i></p>	<p>Secundário</p>

	<i>Oralidade, não deixando ao professor muita margem de manobra para intervir, in loco, e de forma individual para ajudar os seus alunos a superar as suas dificuldades.</i>	
	E.9. <i>A principal causa creio ser a pouca importância dada ao ensino da língua logo no primeiro ciclo; é aqui que se tem de verificar uma aprendizagem forte; e hoje, mais uma vez, constatamos que isso se torna cada vez mais difícil: como irá um aluno aprender português e inglês ao mesmo tempo, é uma dúvida que me assalta frequentemente e que não me deixa descansado em relação ao futuro.</i>	Secundário
	E.10. <i>O insucesso no domínio do ensino da língua, na minha escola, é baixíssimo. Por isso, não identifiquei uma causa principal para o insucesso, a não ser a desmotivação, o desinteresse demonstrado por alguns alunos. Se o professor não conseguir motivar estes alunos, pode residir aí um foco irradiar de desmotivação para toda a turma. O grande desafio é o do professor recuperar esses alunos para a disciplina.</i>	Secundário
	E.11. <i>A desmotivação dos alunos e a falta de trabalho e perseverança no estudo.</i>	3.º Ciclo

N.º da Questão	Resposta/Transcrição	Nível Ens.
20. Como avalia a qualidade do ensino do Português nas nossas escolas?	E.1. <i>Se formos avaliar pela estatística, acho que não, mas ela vale o que vale. Há muito empenho e trabalho dos professores para que a qualidade do ensino nas nossas escolas não seja negativo. Só lamento a falta de apoio, de colaboração ao nível da família e do meio social. Não se pode ter as mesmas expectativas de alunos que crescem num meio mais desprotegido ao nível socioeconómico e cultural.</i>	3.º Ciclo e Secundário

	<p>E.2. <i>De uma forma geral, a qualidade tem melhorado, mas ainda há muita coisa a mudar. A escola deve saber adaptar-se às exigências do mundo actual e tal implica a mudança de certas práticas para que o ensino do Português não seja uma coisa maçuda. O importante é saber como motivar e as novas tecnologias são um instrumento que pode facilitar esse trabalho, embora realce que não lhe devemos atribuir um papel predominante nas nossas práticas e no processo de ensino e aprendizagem.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.3. <i>Falar de qualidade implica considerar uma série de variáveis que tornam o ensino do Português diferente daquilo que era há uns anos atrás. Falar que no nosso tempo é que era melhor é não atender a uma série de circunstâncias que tornam o ensino de hoje diferente do de ontem e essas circunstâncias são de diversa ordem: sociais, políticas, económicas... Penso que o mundo de hoje é mais exigente do que o do meu tempo e atendendo a essa realidade e às diferentes motivações dos alunos e aos desafios que a escola actual enfrenta, penso que a qualidade do ensino do Português não está tão mal como o querem pintar. Os alunos saem com as competências essenciais para ingressarem na vida activa.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>
	<p>E.4. <i>Como é que eu avalio a qualidade? Penso que já começamos a reflectir como devemos melhorar a qualidade do ensino e temos dado alguns passos significativos, como é o caso das Aulas de Apoio Acrescido nas Escola, o PNL, a criação de Centros de Recursos, o apetrechamento das Bibliotecas Escolares, a revisão dos Programas, embora essa revisão seja pontual e ainda se revele insuficiente, porque se aposta mais na quantidade do que na qualidade. Tem que haver</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>

	<p><i>uma adequação dos Programas às novas exigências do mundo actual, privilegiando mais a qualidade do que a quantidade de conteúdos programáticos. Há conteúdos que se repetem ao longo dos vários ciclos de aprendizagem, o que é um absurdo. Continuamos a dar mais importância ao cumprimento dos Programas do que ao desenvolvimento de competências. No final de cada período fica religiosamente registado em acta se o professor está ou não a cumprir o Programa e a Planificação. Enquanto assim for, embora se verifique uma melhoria da qualidade de ensino, esta ficará sempre aquém daquilo que seria o desejado.</i></p>	
	<p>E.5. <i>A qualidade tem vindo a deteriorar-se, a baixar fruto da desmotivação dos alunos e aos vários desafios exteriores à escola, como é o caso das novas tecnologias. Penso que os alunos conseguem tudo com muita facilidade e querem também encontrar essa facilidade na escola. O ensino do Português tende a resistir a esta realidade e penso que ainda temos um ensino da língua que fornece aos alunos as competências básicas para a vida activa. Já foi um ensino mais exigente, mas penso que ainda é ministrado com qualidade.</i></p>	<p>3.º Ciclo e Secundário</p>
	<p>E.6. <i>A qualidade tem decrescido, mas penso que ainda a podemos considerar de razoável. A generalidade dos alunos termina o ensino básico com as competências essenciais quer para ingressar no ensino secundário quer para a entrada na vida activa. Contudo, penso que a escola tem de fazer melhor, mas tal passa por uma revisão dos currículos, dos programas e, fundamentalmente, pela concepção de escola que se deseja e que corresponda e responda às exigências futuras do mundo e das sociedades.</i></p>	<p>3.º Ciclo</p>

	E.7. <i>Não tenho dados nem instrumentos suficientes para os obter mas não me parece muito satisfatória, apesar dos resultados positivos nas avaliações externas.</i>	Secundário
	E.8. <i>Não fiz qualquer estudo sério que me permita responder de forma fundamentada a esta questão.</i>	Secundário
	E.9. <i>Não tenho dúvidas que todos os docentes se esforçam para que os seus alunos aprendam o Português. Mas também é verdade que é necessário repensar todo o percurso do ensino da língua portuguesa, bem como todo o currículo dos vários ciclos: como é possível ter bons alunos a todas as áreas, quando têm um leque de disciplinas ou áreas equivalentes tão grande?</i>	Secundário
	E.10. <i>Apesar de todas as adversidades e dos constantes apelos do mundo exterior à escola, penso que esta não se tem demitido da sua função, por isso, considero a qualidade como sendo média ou mesmo boa.</i>	Secundário
	E.11. <i>Em termos globais acho que satisfatório.</i>	3.º Ciclo